

PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LUCIANE ALVES BRANCO MARTINS

**O DISCURSO INTOLERANTE CONTRA A MULHER NAS REDES SOCIAIS:
UMA ANÁLISE BAKHTINIANA**

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LUCIANE ALVES BRANCO MARTINS

**O DISCURSO INTOLERANTE CONTRA A MULHER NAS REDES SOCIAIS:
UMA ANÁLISE BAKHTINIANA**

Porto Alegre
2020

LUCIANE ALVES BRANCO MARTINS

**O DISCURSO INTOLERANTE CONTRA A MULHER NAS REDES SOCIAIS:
UMA ANÁLISE BAKHTINIANA**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em
Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em
Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Corrêa di Fanti

Porto Alegre
2020

Ficha Catalográfica

M386d Martins, Luciane Alves Branco

O discurso intolerante contra a mulher nas redes sociais : uma análise bakhtiniana / Luciane Alves Branco Martins. – 2020.

82 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti.

1. Discurso Intolerante. 2. Mulher. 3. Redes Sociais. 4. Teoria Dialógica. I. Di Fanti, Maria da Glória Corrêa. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

*“Que nada nos limite.
Que nada nos defina.
Que nada nos sujeite.
Que nossa liberdade seja nossa substância.”*

Simone de Beauvoir, escritora francesa, filósofa e feminista
(1908-1986)

AGRADECIMENTOS

GRATIDÃO! Esse é sentimento que resume a minha caminhada no Mestrado em Letras.

Obrigada à minha orientadora querida, Professora Doutora Maria da Glória Corrêa di Fanti, pela orientação segura, afetuosa, essencial para minha formação. Obrigada por ter me apresentado à teoria bakhtiniana, uma filosofia de vida, que me encanta e me faz ter a certeza de que estou no caminho certo. Muito bom saber que estás presente na minha caminhada.

Obrigada à Professora Doutora Kelli da Rosa Ribeiro e à Professora Doutora Liz Feré, pelas contribuições valorosas em minha pesquisa, pela simpatia, pelo bom humor e pelo profissionalismo. É uma honra tê-las na minha banca e na minha vida acadêmica.

Obrigada às mulheres da minha vida, meus amores incondicionais, meus portos seguros... Minha vó Ruth, minha mãe Glice, minha tia Cléia (*in memoriam*), minhas irmãs Cristiane e Karoline. O amor de vocês e por vocês me move, me fortalece, me completa... Amo-as infinitamente e para sempre!

Obrigada aos meus amigos Analise Zuchetto, Marcos Dorneles e Julio Abraham Ponce por segurarem na minha mão quando eu mais precisei naquele 2016. Vocês são muito responsáveis pela minha chegada até aqui e pela continuidade da minha história acadêmica. A vida com vocês tem outro valor: o da amizade verdadeira.

Obrigada aos meus queridos colegas/amigos do nosso Grupo de Estudos GENTE. Vocês têm muito valor para mim. Ninguém solta a mão de ninguém! Estamos juntos!

Obrigada às pessoas que chegaram a minha vida e deram outro sentido. Fabio, meu companheiro de caminhada, de conversas, de amor. Obrigada pelo apoio constante e pelo amor que me faz feliz.

Obrigada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – pelo apoio no desenvolvimento do presente trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a construção do discurso intolerante contra a mulher nas redes sociais. Com a internet, a intolerância, que já existia, se propagou, sendo a mulher um alvo constante de insultos. Quanto aos procedimentos metodológicos, realizou-se uma pesquisa em três redes sociais, a saber, Facebook, Twitter e Instagram, para fazer um levantamento desses discursos, considerando que, na materialização de mensagens, há a propagação de discursos que desqualificam a mulher. A fim de delimitar a coleta nessas redes sociais, foram utilizados os termos “machismo” e “machista” devido às inúmeras postagens de cunho machista, que defendem seu posicionamento. A partir dessa delimitação, foram encontradas, no Facebook, cerca de 70 comunidades brasileiras; no Twitter, cerca de 30 perfis brasileiros, e no Instagram, foram encontrados em torno de 40 perfis brasileiros. A coleta foi realizada em postagens publicadas no período entre janeiro de 2014 e agosto de 2019 nas referidas redes sociais e para a seleção do material, foram considerados os seguintes critérios: a) pesquisa nas redes sociais dos termos “machismo” e “machista” em comunidades ou perfis brasileiros; b) postagens cuja temática fosse a desqualificação da mulher a partir do uso de tons depreciativos a sua imagem. Em virtude da análise das postagens das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram escolhidas para esta pesquisa, entende-se que a imagem de mulher que circula nas redes sociais analisadas é aquela que tem como principal função ser dona de casa, mãe e esposa, e que deve permanecer em seu lar, pois, do contrário, estaria em perigo fora do ambiente doméstico. Essa mulher também tem sua individualidade menosprezada, uma vez que somente após limpar a casa pode pensar em seus projetos pessoais. Além disso, há a tensão de uma profissional do futebol, que não teria (para o locutor) aptidão para exercer essa função. As três postagens mostram que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a mulher possa decidir sobre sua vida, com o respeito que ela merece.

Palavras-chave: Discurso Intolerante. Mulher. Redes Sociais. Teoria Dialógica.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the construction of intolerant discourse against women on social networks. With the internet, intolerance, which already existed, has spread, with women being a constant target of insults. In the theoretical framework of this research, concepts developed by the Bakhtin Circle are presented that support the dialogical perspective of the discourse. The reflection on the concepts of intolerance and intolerant discourses are based on the ideas of Diana Barros, Roger-Pol Droit and Ruth Amossy. A study on feminism was also developed, based on the conception of Simone de Beauvoir and Michelle Perrot. As for the methodological procedures, a survey was carried out on three social networks, namely Facebook, Twitter and Instagram, to survey these speeches, considering that, in the materialization of messages, there is the spread of speeches that disqualify women. In order to limit the collection on these social networks, the terms "machismo" and "machista" were used due to the numerous posts of a macho nature, which defend their position. From this delimitation, about 70 Brazilian communities were found on Facebook; on Twitter, about 30 Brazilian profiles, and on Instagram, around 40 Brazilian profiles were found. The collection was carried out in posts published in the period between January 2014 and August 2019 on the referred social networks and for the selection of material, the following criteria were considered: a) search on social networks for the terms "machismo" and "machista" in Brazilian communities or profiles; b) posts whose theme was to disqualify women from the use of derogatory tones to their image. Due to the analysis of the social media posts Facebook, Twitter and Instagram chosen for this research, it is understood that the image of women that circulates in the social networks analyzed is that whose main function is being a housewife, mother and wife, and that he must remain in his home, otherwise he would be in danger outside the home. This woman also has her individuality underestimated, since only after cleaning the house can she think about her personal projects. In addition, there is the tension of a football professional, who would not (for the speaker) have the aptitude to perform this function. The three posts show that there is still a long way to go before a woman can decide about her life, with the respect she deserves.

Keywords: Intolerant Speech. Woman. Social Networks. Dialogic Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Emojis</i> do Facebook.....	39
Figura 2: Comentar no Facebook.....	40
Figura 3: Compartilhar no Facebook	40
Figura 4: Perfil do Twitter.....	42
Figura 5: Twitte no perfil do Twitter	42
Figura 6: Perfil do Instagram	43
Figura 7: Prints Machistas.....	50
Figura 8: Mr. Músculo	55
Figura 9: Machista Sincero	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DO DISCURSO	20
1.2 A INTOLERÂNCIA CONTRA A MULHER	25
2 O DISCURSO INTOLERANTE NAS REDES SOCIAIS: CONTEXTUALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	37
2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
3 A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO INTOLERANTE CONTRA A MULHER NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA.....	49
3.1 FACEBOOK	49
3.2 TWITTER	55
3.3 INSTAGRAM	59
3.4 DISCUSSÃO DIALÓGICA ENTRE AS TRÊS ANÁLISES EFETUADAS EM DIFERENTES REDES SOCIAIS.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

A discriminação contra a mulher é um fato histórico em nossa sociedade. A discussão sobre a desigualdade de gênero não é recente, pois, dos gregos até recentemente, se acreditava que as mulheres eram seres inferiores em relação aos homens. “Com um lugar de menos destaque, os direitos e deveres das mulheres estavam reservados à criação dos filhos e ao cuidado com o lar (SILVA, 2010, p. 557)”. Assim sendo, o papel da mulher estava sempre restrito ao espaço dentro de casa, cuidando da família.

Nesse contexto de vida privada, as mulheres ficaram, durante muito tempo, fora dos relatos da sociedade, em um silenciamento profundo, como se não fizessem parte dela. As primeiras histórias, contadas por historiadores gregos ou romanos, relatam as guerras, os reinados e os homens ilustres, portanto, as mulheres eram invisíveis nessa época (PERROT, 2019, p. 17). Esse silenciamento refrata a valoração de que os grandes acontecimentos da história foram obra dos homens, uma vez que também foram contados por eles. À mulher cabia a esfera do lar, que era desconsiderada nesses relatos.

Contava-se mais sobre os santos do que das santas, “uma vez que eles agiam, evangelizavam, viajavam. As mulheres preservavam sua virgindade e rezavam, ou alcançavam a glória do martírio, considerada uma honra (PERROT, 2019, p. 18)”. Importante ressaltar que, em muitas sociedades, o silêncio e a invisibilidade das mulheres faziam parte de uma organização, que garantia a tranquilidade da cidade, pois a aparição da mulher causava medo e sua fala em público era considerada indecente.

Na Idade Média, as mulheres eram numerosas nas seitas, que expressaram a inquietação religiosa, a partir do século XII, uma vez que essas seitas questionavam o poder dos clérigos. Um dos movimentos mais interessantes foi o das *beguinhas*, que eram mulheres que viviam juntas, num mesmo abrigo, de esmolas, mas principalmente dos salários ganhos pelo trabalho de cuidar doentes ou pelo ofício de tecelãs (PERROT, 2019, p. 88). As *beguinhas* eram mulheres conhecidas pelo espírito de liberdade, pela ousadia, pela personalidade forte e defendiam a ideia de uma religião mais mística, uma Igreja mais espiritual, mas essa visão não era bem vista pela sociedade daquela época.

Nesse sentido, foram perseguidas durante a Inquisição, o que ocorreu com Marguerite Porete. A mística culta escreveu *Mirror des âmes simples et anéanties*, um “tratado do livre pensar, no qual ela ousava expressar concepções teológicas, dizer que o amor de Deus não passava necessariamente pelos sacerdotes PERROT, 2019, p.88)”. Ela foi condenada pelo tribunal da Inquisição em Paris e queimada em 1310. Porete, assim como outras *beguinhas*,

acreditava que ao se atingir um estágio de espiritualidade com Deus, não seria mais necessária a intermediação dos sacerdotes da Igreja.

Em 1486, os dominicanos Kraemer e Sprenger publicaram uma enquete encomendada pela Inquisição chamada *Malleus maleficarum*, “na qual pretendia descrever as feiticeiras e suas práticas e dizer o que convinha pensar sobre elas. E devia-se pensar o pior, o que justificava sua condenação ao fogo purificador (PERROT, 2019, p.89)”. As feiticeiras foram mulheres corajosas por pensarem e agirem diferentemente da visão patriarcal da época, o que era considerada uma afronta à sociedade.

Em virtude de sua ousadia, as feiticeiras foram presas e queimadas, principalmente na Alemanha, na Suíça, no leste da França, na Itália e na Espanha. A quantidade de vítimas chega a cem mil, sendo 90% de mulheres, tendo Joana d’Arc como uma de suas vítimas dessa onda de repressão, que iniciou ao final do século XV. Acusadas de ofenderem a razão e a medicina moderna, por suas práticas mágicas, as feiticeiras eram denunciadas, também, por “manifestarem sua sexualidade de maneira desenfreada, encarnando a desordem dos sentidos, a ‘parte maldita’ numa sociedade que ordena os corpos (PERROT, 2019, p. 90)”. Naquela época, uma mulher que vivia sua sexualidade livremente era julgada e condenada pelo padrão social vigente, uma vez que o sexo como fonte de prazer era restrito aos homens e um pecado para as mulheres.

As feiticeiras foram consideradas, também, como sendo filhas e irmãs do diabo. “Ela é o diabo, seu olhar mata: ela tem mau-olhado (PERROT, 2019, p. 90).” Mulheres que desafiavam a visão patriarcal, elas tinham pretensão ao saber, portanto, contestavam todos os poderes: dos sacerdotes, dos soberanos, dos homens, da razão. Nesse sentido, para a sociedade da época, a solução era extirpar o mal, destruí-las, queimá-las, assim, o “problema” estaria resolvido.

Os relatos sobre as mulheres eram escassos, uma vez que eram pouco vistas. No século XVIII, o espaço para a mulher foi um pouco maior, porém “enfaticamente os inconvenientes da mulher no poder, por exemplo, como no caso do reinado de Catarina de Médici (PERROT, 2019, p. 18)”. Aqui, há uma ênfase dos aspectos negativos da regência dessa rainha para a história da França. A partir do século XIX, começaram a aparecer mulheres, em sua maioria aristocratas, que tentavam ganhar a vida escrevendo biografias de mulheres, como rainhas, santas, cortesãs, entre outras.

No chamado “Século das luzes”, as mulheres que tentaram reivindicar seus direitos de cidadania foram condenadas à guilhotina. Um exemplo disso é a escritora Olympe de Gouges, “que teve seu direito de fala silenciado ao publicar *Os Direitos da Mulher e da Cidadã*, em

1791, no qual postulava a abolição da autoridade dos homens sobre as mulheres (SILVA, 2010, p. 558)”, sendo que, um ano antes, ela já havia escrito *A necessidade do divórcio*. Feminista atuante e revolucionária, Olympe foi acusada de querer se igualar aos homens e, por isso, foi guilhotinada em 1793.

A partir do século XX, os movimentos feministas desencadearam importantes conquistas, muito recentes se comparadas com a história da humanidade. Como exemplo, no Brasil, o Estatuto da Mulher Casada, sancionado em 27 de agosto de 1962, o qual instituiu, entre outras diretrizes, que a mulher não precisaria mais da autorização do marido para trabalhar, receber herança e, em caso de separação, requerer a guarda dos filhos. Isso ocorria há pouco menos de 60 anos, ou seja, antes disso, a mulher precisava ser autorizada pelo marido para realizar algumas atividades que se relacionavam diretamente com a sua individualidade.

Outras conquistas importantes, como o voto feminino, o direito de estudar, a licença-maternidade, a Lei Maria da Penha, a liberdade sexual, entre outros direitos, foram passos fundamentais para a mulher, conquistados a custo de muita luta, garra e, infelizmente, vidas perdidas. Porém, apesar dessas conquistas, ainda há muito o que ser feito para que se alcance a igualdade de gênero, como na esfera profissional, por exemplo, pois “foi no trabalho que a mulher cobriu em grande parte distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta (BEAUVOIR, 1980, p. 449).” Essa liberdade passa pela autonomia financeira e social da mulher, resgatando a liberdade feminina.

Nesse breve contexto histórico, não se pretende esgotar a história da mulher ao longo da sociedade, mas mostrar alguns momentos que marcaram sua trajetória. Percebe-se, também, que as desigualdades entre mulheres e homens são históricas e que precisam ser estudadas para que se provoque uma mudança de comportamento e de atitude na sociedade. Há muito preconceito e intolerância contra a mulher nos mais diversos contextos e no caso das redes sociais, campo de análise desta pesquisa, não é diferente, já que houve uma potencialização desse preconceito, que já existia, sendo a mulher um alvo de assédio e de violência.

Muitas vezes, os casos de violência são legitimados por visões estereotipadas da mulher. O estereótipo, um dos conceitos estudados nesta pesquisa, pode ser entendido como o resultado de um saber comum a todos os membros de uma mesma comunidade (AMOSSY, PIERROT, 2005). Nesse sentido, a cristalização desses estereótipos, por parte da sociedade, moldou muitos preconceitos e ideias enganosas sobre as mulheres, pois alguns tipos de preconceitos são tão rigidamente criados e difundidos nos grupos que se tornam verdades absolutas e passam a fazer parte da cultura dessas comunidades. Ao longo do tempo, “foram

construídos, pela sociedade e em torno dela, estereótipos relacionados à mulher, com base no senso comum (SILVA, 2010, p. 561)” e esses estereótipos fomentaram a construção do preconceito e da discriminação contra a mulher.

A noção de estereótipo, de Ruth Amossy, foi o aporte para desenvolver essa teoria. Para Amossy (2011, p. 32), “los estereotipos son creencias sobre las clases de individuos, de grupos o de objetos, que son preconceptos, es decir, que no responden a una apreciación nueva de cada fenómeno, sino a hábitos de pensamiento y de expectativas habituales. Assim sendo, estereótipos como “feminista odeia homem”, “mulher é rival de mulher”, entre outros são ideias padronizadas, pois o sujeito estereotipante cristaliza as verdades, sem a possibilidade de diálogo, sem se propor a ouvir o outro.

O preconceito, para Marilena Chauí (1996/1997, p.117), é “uma ideia anterior à formação de um conceito. O preconceito é a ideia preconcebida, anterior, portanto, ao trabalho de concepção ou conceitualização realizado pelo sentimento.” Ele se organiza, reúne e sintetiza os fatos, partindo da ideia de que são verdadeiros e que, portanto, não precisam ser questionados.

Com a internet, esse preconceito, que já existia, foi intensificado e cresceu nas redes sociais, sendo a mulher o centro dessa discriminação. A misoginia se alastra nesse contexto, assim como a incitação ao estupro, o assédio moral e outros tipos de violência, que fomentam esse discurso comentado, curtido e compartilhado no ambiente virtual.

Nesses discursos, a mulher é considerada menos capaz, menos inteligente, menos digna de respeito e sempre a culpada pelo que sofreu. Se sofreu violência sexual, é porque provocou ou estava com uma roupa inadequada; se ganha menos, é porque não se dedica integralmente, uma vez que tem filhos e entre outros fatores que “justificam” a menor remuneração.

A ideia de que a mulher não é suficiente é uma constante nos discursos de tom machista. Nessa visão, a função principal da mulher é a de servir, pois “em muitos contextos, lugares, países e culturas, meninas e jovens, adultas e idosas trabalharão para seu pai, os irmãos, para o marido, para os filhos (TIBURI, 2019, p. 14)”. A subordinação ao homem inicia dentro da família, que já estabelece quais serão os serviços da mulher, ou seja, trabalhos braçais dentro de casa sempre servindo aos homens.

Se em casa a discriminação contra as mulheres pode ser comum, nas redes sociais há uma intensificação dessa atitude. A intolerância, tanto por usuários que identificam sua identidade quanto por perfis “fakes”, se materializa via propagação de estereótipos, preconceitos e discriminações. Em um discurso carregado de ódio e intolerância, a mulher

tem sido alvo de inúmeras ofensas e insultos machistas e misóginos.

Para Diana Barros (2015, p. 16), “os discursos intolerantes consideram o ‘diferente’ aquele que rompe pactos e acordos sociais”. Assim sendo, a mulher seria o ser contrário à natureza, aos costumes, à ética de determinados grupos, portanto, passa a ser sancionada negativamente e odiada na visão do locutor do discurso de tom machista.

São inúmeros discursos nas redes sociais que disseminam o ódio ou o repúdio contra as mulheres, por isso a análise desses discursos faz-se necessária porque crianças estão crescendo nesse ambiente de rancor desmedido, aprendendo, por essas construções sociais equivocadas, que desrespeitar as mulheres é normal e que os homens se consideram superiores às mulheres. Há comunidades, inclusive, que querem acabar com o feminismo, pois é considerado como “contra a moral e os bons costumes”.

O enunciado “bons costumes”, inclusive, é muito utilizado como uma moral social já consagrada, em que realiza um juízo de valor quanto aos costumes como bons ou maus. Nesse sentido, para João Lima Franzen (1977, p. 107), bons costumes “são as regras de conduta limpa nas relações familiares e sociais, em harmonia com os elevados fins da vida humana e com a cultura moral de nossos dias”. Dessa forma, esse enunciado refrata uma valoração da sociedade pelo que é normativo, ou seja, uma padronização de comportamentos e atitudes comuns que todos “devem seguir” em nome da moralidade. Há que se considerar que bons costumes são o respeito ao próximo, à liberdade de expressão e saber que gênero não define caráter, competência, capacidade, inteligência, entre outros.

Nesse cenário, no que tange às mídias, Charaudeau (2009, p. 19) observa que “as mídias acham-se [...] na contingência de dirigir-se a um grande número de pessoas, ao maior número, a um número planetário, se possível”. Logo, considerando a abrangência, as redes sociais se constituem em um universo de discursos e de diálogo constante, numa tensa relação com o discurso do outro. Para Emediato (2015, p. 172), “a rede social é uma rede de discursos, um espaço retórico por natureza, em que as vozes do locutor e do(s) interlocutor(es) se entrecruzam” e, por consequência, estabelecem uma tensão constitutiva entre diferentes discursos.

As redes sociais podem proporcionar a constante interação e respeito entre locutores e interlocutores. O uso das redes sociais pode ser um importante elo no contexto dialógico, pois pode aproximar pessoas que não se veem há muito tempo, aumentar o ciclo de amizades, assim como ser uma fonte de entretenimento para muitas pessoas que não podem, ou não querem, frequentar ambientes públicos.

Nas redes sociais, há o entrecruzamento de diversas vozes sociais, que, se por um lado,

aproxima distintos pontos de vista, por outro, ocasiona conflito de posicionamentos, que acentuam as discussões. A relação locutor/interlocutor se estabelece na interação entre esses sujeitos que dão coro de apoio ou refutam os discursos postados nas redes sociais. Essa relação é realizada por meio de curtidas, e suas variações, comentários e compartilhamentos dessas postagens.

A finalidade do homem, ao falar, não é a de recortar, descrever estruturar o mundo; ele fala, em princípio, para se colocar em relação com o outro, porque disso depende a própria existência, visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela assimilação do outro e ao mesmo tempo pela diferenciação com relação ao outro. (CHARAUDEAU, 2013, p. 42)

Há que se considerar, nessa relação com o outro, que as redes sociais podem ser um ambiente no qual alguns comportamentos se propagam, como o bullying, por exemplo. Para Bakhtin (2016, p. 130), “o diálogo, a discussão e a luta pressupõem uma intercompreensão linguística”, portanto, nesse contexto, muitas vezes não haverá respeito, uma vez que a dinâmica dessa interação pode ser violenta, mas sempre haverá um tenso diálogo, com graus variáveis de concordância ou de discórdia, ancorado em uma compreensão ativa e responsiva.

O conceito de entonação expressiva pode ser observado nas concepções de preconceito, intolerância e estereotipia, porque a entonação fundamenta-se no aspecto compartilhado das valorações, no senso do comum acordo. A entonação precisa de um coral de apoio capaz de conduzir “a enunciação às supostas valorações compartilhadas daquele meio social para o qual está orientada a palavra” (VOLÓCHINOV, 2011, p. 161). Logo, nas concepções referidas, percebem-se avaliações comuns a determinados sujeitos e grupos.

Considerando esse cenário, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como são construídos os discursos intolerantes contra a mulher nas redes sociais. Os objetivos específicos são: a) analisar como é construída a relação locutor/interlocutor nos discursos intolerantes nas redes sociais; b) analisar como os tons intolerantes se engendram nos enunciados e desqualificam a mulher; c) verificar que imagem de mulher circula nas redes sociais.¹

As perguntas que norteiam esta pesquisa são: a) Como são construídos os discursos intolerantes contra a mulher nas redes sociais? b) Como é construída a relação locutor/interlocutor nos discursos intolerantes nas redes sociais? c) Como os tons intolerantes

¹ A presente investigação faz parte do projeto de pesquisa institucional “Ethos e ato ético: o discurso intolerante em redes (sociais) de sentidos” (PUCRS/CNPq) e do grupo de pesquisa “Tessitura: vozes em (dis)curso” (CNPq), ambos coordenados pela Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti.

se engendram nos enunciados e desqualificam a mulher? d) Que imagem de mulher circula nas redes sociais analisadas?

Quanto aos procedimentos metodológicos, no que tange à coleta, realizou-se uma pesquisa em três redes sociais, a saber, Facebook, Twitter e Instagram, para fazer um levantamento dos discursos intolerantes, considerando, na materialização de discursos, a propagação de discursos que desqualificam a mulher e são curtidos, comentados e compartilhados nessas redes sociais. Os termos “machismo” e “machista” foram utilizados para a delimitação da coleta, devido às inúmeras postagens de cunho machista, que defendem seu posicionamento. A coleta foi realizada em postagens publicadas no período entre janeiro de 2014 a agosto de 2019 nas referidas redes sociais.

Para a seleção do material, foram escolhidas três postagens, uma de cada rede social, considerando os seguintes critérios: a) pesquisa nas redes sociais dos termos “machismo” e “machista” em comunidades ou perfis brasileiros; b) postagens cuja temática fosse a desqualificação da mulher a partir do uso de tons depreciativos a sua imagem. Dessa forma, foram selecionados os seguintes discursos: comunidade “Prints Machistas”, do Facebook (2014), um anúncio do produto de limpeza Mr. Músculo, veiculado em seu perfil no Twitter (2015), e o perfil “Machista Sincero”, do Instagram (2019).

A análise dos discursos intolerantes selecionados está fundamentada na teoria dialógica do discurso, cujos pressupostos preveem que o estudo da linguagem e da construção de sentidos se realiza a partir da análise de enunciados concretos, verbais e não verbais, na relação com outros enunciados, situados social, ideológica e historicamente. Assim sendo, para a análise proposta, são consideradas noções como dialogismo, palavra, enunciado, signo ideológico, reflexo e refração, acento valorativo / entonação expressiva e gêneros do discurso.

Os discursos intolerantes nas redes sociais também são estudados a partir das reflexões de Diana Barros. Para a autora, (2014, p. 1), há três características principais dos discursos intolerantes: do ponto de vista narrativo, são discursos de sanção aos sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais; são discursos passionais, em que prevalecem as paixões de ódio e do medo em relação ao “diferente”; e são discursos que desenvolvem temas e figuras a partir da oposição semântica fundamental entre a identidade e a diferença

O debate sobre intolerância fundamenta-se nas ideias do filósofo francês Roger-Pol Droit. A intolerância, segundo o autor, não é simples, uma vez que depende do debate, da reflexão, pois “sendo intolerante com a intolerância, impedimos que ela se alastre, fazemos com que recue. Para que a tolerância progrida, é necessário ser intolerante com o intolerável”

(DROIT, 2017, p. 76). Seja a intolerância visível, aquela praticada por meio de comentários e atitudes, ou a invisível, que é a velada, a mascarada, mas que também causa enormes traumas em quem sofre, é fundamental que não se tolere qualquer tipo de desrespeito com o outro, uma vez que muitas pessoas somente entendem o real significado da intolerância quando são alvos dela em suas vidas.

Além de Michelle Perrot (2019), busca-se a concepção de feminismo em Simone de Beauvoir, que fundamenta a discussão sobre esse tema, observando que se vive em uma sociedade patriarcal, que ainda tolera a violência contra a mulher: “[...] o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo confirma a ideia da superioridade masculina” (BEAUVOIR, 1980, p. 23).

O estudo sobre a intolerância contra a mulher negra está alicerçado nas ideias de Djamila Ribeiro (2018, 2019), para quem o feminismo negro está relacionado a projetos democráticos. As mulheres negras enfrentam, diariamente, a normalização do racismo na sociedade que as trata de forma desigual e que as coloca como coadjuvante das mulheres brancas. Esse enfrentamento é perceptível, segundo Ribeiro (2019, p. 23-24) desde o início da vida escolar, em que se é vista como “[...] a diferente” – o que quer dizer não branca”, “um defeito”, e que se passa a viver no mundo dos brancos, “no qual as culturas europeias [são] vistas como superiores, o ideal a ser seguido”.

Essa divisão social, sem a devida reflexão sobre o tema, constitui as bases para a “perpetuação do sistema de discriminação racial”, que reduzem as pessoas negras a “de determinados estereótipos, em vez de serem reconhecidas como seres humanos em toda a sua complexidade” (RIBEIRO, 2019, p. 25-26). No que tange ao feminismo negro, Ribeiro (2018, p. 52) observa a disparidade histórica da situação da mulher negra em relação à mulher branca, pois, por exemplo, enquanto as “mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas”. Tais reflexões convocam-me, como mulher e professora, a aprofundar o conhecimento sobre feminismo, uma que vez que quanto mais estudo sobre ele, mais consigo desconstruir ideias retrógradas que insistem em prevalecer em nossa sociedade.

A escolha do tema da intolerância contra a mulher nas redes sociais justifica-se pela reflexão crítica que se faz necessária sobre como a mulher tem sido exposta a discursos intolerantes e de tons machistas na sociedade em geral e nas redes sociais em particular. Os discursos de cunho machista somente reforçam que precisamos percorrer um longo caminho para conquistar a igualdade de gênero. E este trabalho deve iniciar desde cedo, em casa, na educação dos filhos, estimulando o respeito ao próximo, coibindo as brincadeiras

preconceituosas sem graça, dividindo tarefas igualmente, sem distinção de gênero.

Quando essas crianças chegam à escola, é fundamental que elas já entendam que gênero não define inteligência, força, capacidade. É importante, também, que saibam que meninas podem brincar com meninos nas mesmas brincadeiras e que, acima de tudo, todos devem conviver em harmonia e respeito. Crianças que compreendem a igualdade de gênero se tornam adultos que respeitam o próximo.

Para o estudo do tema proposto, esta pesquisa está organizada em três partes: na primeira, apresenta-se a fundamentação teórica, baseada na perspectiva dialógica do discurso e na intolerância contra a mulher. A segunda parte destaca a contextualização e os procedimentos metodológicos desenvolvidos para a elaboração da pesquisa. Na terceira parte, são analisados os discursos intolerantes contra a mulher selecionados nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram, bem como é realizada uma discussão dialógica entre as três análises efetuadas nas diferentes redes sociais. Finalmente, encerra-se esta pesquisa com as considerações finais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo organiza-se em duas seções. A primeira delas versa sobre um estudo dos conceitos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo que norteiam esta pesquisa. Na segunda seção, são estudados os conceitos de intolerância e preconceito e é realizada uma reflexão sobre feminismo, igualdade de gênero, misoginia e machismo. Importante ressaltar que todos os conceitos ora apresentados são fundamentais para os estudos sobre os discursos intolerantes contra a mulher nas redes sociais, uma vez que contribuem para compreender o conjunto de ideias controversas presentes na sociedade.

1.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DO DISCURSO

O chamado Círculo de Bakhtin é constituído por um grupo de intelectuais, que se reunia entre os anos de 1919 e 1929, primeiro em Nevel e Vitesbsk e, depois, em São Petersburgo (FARACO, 20019, p. 13). Era um grupo multidisciplinar, composto, entre outros, de filósofo, biólogo, pianista e professor. Os três estudiosos que se destacaram nos estudos da linguagem foram Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medviédev.

Para Bakhtin e o Círculo, a língua recebe influências do contexto social, da ideologia dominante e da luta de classes. Por isso, entendem a língua/linguagem como interação social e constitutivamente dialógica. O dialogismo, um dos conceitos mais importantes da obra do Círculo de Bakhtin, é o princípio constitutivo da linguagem e do discurso, sendo uma condição da produção de sentidos. Essa propriedade da linguagem pressupõe a inter-relação permanente entre os discursos e os sujeitos.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível [...] (BAKHTIN, 1998, p. 88).

O diálogo é sempre social, construído na interação, na qual os dizeres relacionam-se com os dizeres anteriores e os dizeres futuros. Nessa perspectiva, ainda que o diálogo seja interior, há a presença ativa dos outros no discurso, pois ele é construído na interação com a coletividade. O dialogismo, por conseguinte, se configura pelo encontro com outras vozes, uma

vez que o discurso é produzido a partir de outros discursos, outras vozes. É uma relação permanente entre vozes, já que o sujeito falante é o resultado das suas interações.

Todo discurso pressupõe relações de diálogo, inclusive no silêncio, que está preñado de respostas. A compreensão ativa e responsiva desses discursos é um contradiscurso, pois trará algo do sujeito falante, que sempre ressignifica e singulariza o que é compreendido. O diálogo traz a marca não de uma, mas de várias individualidades (BAKHTIN, 2016, p. 115). Nesse sentido, cada sujeito é um resultado de vozes sociais e responde aos enunciados anteriormente ditos.

Nessas individualidades, todo discurso do outro citado (ainda que seja apenas uma simples citação) pressupõe uma relação dialógica com ele (mesmo que seja de concordância, de confirmação) (VOLÓCHINOV, 2017, p. 121). Como um coro de apoio ou refutando um discurso, a atividade ativa e responsiva se estabelece na interação de locutor e interlocutores.

Para o Círculo de Bakhtin, a palavra corresponde ao discurso. Nesse sentido, está estreitamente relacionada à interação, ao convívio social, já que nos caracterizamos como seres sociais em nossa construção como indivíduos.

[...] o importante não é tanto a natureza sónica da palavra, mas a sua onipresença social. Pois a palavra participa literalmente de toda a interação e de todo o contato entre as pessoas [...]. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram em todas as áreas da comunicação social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106).

Nossas crenças e valores, desse modo, estão presentes em cada palavra dita em nosso discurso exterior, uma vez que refletem o nosso discurso interior ou o nosso fluxo de pensamento. “A palavra é um produto vivo e ideológico, funcionando em qualquer situação social (ideológica), tornando-se um signo vivo” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2014, p. 38); sendo assim, todas as nossas palavras têm uma marca ideológica.

A palavra como ato, ideologia, como defende Bakhtin (2016, p. 105-106), objetiva a construção de diálogos entre locutores e interlocutores, entre o “eu” e o “outro”. Esse outro, porém, não é apenas o outro imediato (o destinatário segundo), já que a palavra avança cada vez mais à procura da compreensão responsiva. Nessa interação entre o locutor e o interlocutor, a palavra verbalmente realizada é o enunciado, o elo entre diferentes discursos.

A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.) (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

O locutor projeta o seu interlocutor, que dá coro de apoio ao seu discurso ou o refutará.

De qualquer forma, a interação entre locutor e interlocutor se estabelece, buscando uma atividade ativa e responsiva. “A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205), é um elo fundamental nessa interação, já que é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor.

O enunciado é a unidade mínima de comunicação discursiva, puramente social. Assim sendo, o locutor e o interlocutor têm papel ativo na situação comunicativa e na produção de sentidos dos enunciados. Conforme Bakhtin (2003, p. 22), o enunciado é a “unidade real da comunicação discursiva” e é individual, o que significa dizer que “pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve)”. Logo, o enunciado, além de ter um estilo individual, é também ideológico, já que exprime valorações.

O discurso somente existe na forma de enunciados concretos entre falantes, pois uma palavra se converte em enunciado quando pertence a uma interação discursiva. Para Volóchinov (2017, p. 184), “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, orienta-se para uma resposta”. Por isso, todo enunciado é atravessado por uma dialogização interna, uma vez que responde e antecipa respostas.

A alternância dos sujeitos do discurso define o limite de cada enunciado. Ele sempre responde a enunciados passados e gera respostas futuras, que é a compreensão responsiva ou atividade ativa responsiva, que define as fronteiras do enunciado.

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos dos discursos, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2003, p. 29).

A partir dessa reflexão, pode-se entender que o uso da língua se efetua em forma de enunciados, que são dialógicos, uma vez que todo enunciado é uma resposta. A compreensão responsiva está presente no enunciado já que toda compreensão responde, isto é, traduz o compreendido em um novo contexto, ou seja, em um contexto de uma possível resposta (VOLÓCHINOV, 2017, p. 178). Nesse sentido, um enunciado neutro é impossível, já que, na interação locutor e interlocutor, há um jogo de valorações, projetos enunciativos e direcionamentos do dizer.

Outro conceito importante do Círculo de Bakhtin é o de signo ideológico, que se relaciona com a consciência, a ideologia e a linguagem. Tudo que é ideológico faz parte de uma realidade e remete a algo que se encontra no mundo exterior, cujo significado se constitui ao

refletir e refratar outra realidade.

Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto, apenas no processo de interação social (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 95).

Como exemplo, apresentam-se a foice e o martelo na antiga União Soviética para explicar como um instrumento de produção, dentro de um contexto, passa a ter um valor ideológico, portanto, passa a ser um signo. Esses instrumentos sozinhos possuem determinada função utilitária no trabalho, qual seja servir para algum objetivo de produção, entretanto, tais instrumentos podem ser transformados em signo ideológico, ao serem dotados de uma significação ideológica. “Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia.*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91-92). Assim sendo, quando a foice e o martelo passam a integrar um brasão, carregam consigo um conteúdo ideológico.

Na teoria bakhtiniana, o signo é ideológico por natureza e, ao fazer parte de uma realidade, “reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93)”. Nessa dialética, o signo constitui-se de categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.). Enquanto o reflexo se relaciona com a descrição ou representação fiel da realidade, a refração é a interpretação de uma realidade, conforme as suas experiências, ou seja, a criação do novo. É sempre uma ideologia social, uma vez que é uma relação com outra parte da realidade.

Pode-se dizer, então, que a refração é própria do signo ideológico. Na sociedade, em seus diferentes grupos, cada pessoa, conforme o seu conhecimento de mundo, suas experiências de vida, ressignificará determinado signo.

Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de aparecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p. 47).

Nesse sentido, todo signo carrega um conteúdo ideológico. Ele possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, refletindo e refratando outra realidade que não a sua, e, nessa interação, há uma valoração. “Qualquer refração ideológica da existência em formação, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra como um fenômeno obrigatório concomitante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101). Portanto, há sempre um posicionamento avaliativo que reflete e refrata a realidade, as relações com o mundo.

A entonação expressiva é considerada uma parte constitutiva do enunciado, pois só há enunciado se houver expressividade: “Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra mas um enunciado acabado [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 49). Assim, uma mesma palavra, com diferentes entonações, incorpora diferentes sentidos. Além disso, a entonação, ao se materializar na relação com o outro, expressa a manifestação de juízo de valor social.

Ademais “a entonação estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais” (VOLOCHÍNOV, 2011, p. 160). Assim sendo, a entonação revela o ponto de vista do locutor, na relação com o outro e com o discurso do outro, o que ele deseja atribuir ao objeto do dizer e ao outro, além de exprimir posições ideológicas e relações com o contexto extraverbal, pois é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura.

Não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social. É por isso que todos os índices de valor com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos (por exemplo, na palavra) ou, de modo mais geral, por um organismo individual, constituem índices sociais de valor, com pretensões ao consenso social, e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico (BAKHTIN, 2006, p. 44).

As entonações, portanto, trazem a questão do social, do ideológico, do partilhado. “A entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 123). Para Medviédev (2012, p. 185), “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio dialógico”, por isso “entender um enunciado significa entendê-lo no contexto da sua contemporaneidade”. Sob esse enfoque, “o caráter expressivo é determinado [...] por toda sua plenitude e integridade individual, e por toda sua situação concreta e histórica”.

Nessa perspectiva, no ato da interação oral ou escrita, os sujeitos mobilizam determinados gêneros do discurso. Essa mobilização relaciona-se à necessidade de

comunicação dos falantes, portanto, os gêneros do discurso são determinados pela interação discursiva e estão presentes em toda a atividade comunicativa humana, por meio de enunciados.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

Os enunciados, representativos dos gêneros, são, desse modo, constituídos por conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático corresponde à unidade de sentido do enunciado. O estilo, por sua vez, tem a ver, por um lado, com as escolhas linguísticas (estilo verbal) e, por outro, com o traço do enunciado que pode ser associado à identidade do locutor e de seu grupo social. Já a construção composicional refere-se à organização das partes e do todo do enunciado, a sua disposição formal.

Para Bakhtin, comunicamo-nos por gêneros, ou seja, por tipos de enunciados relativamente estáveis. Nessa interação, o reconhecimento e toda “compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva” (2003, p. 271). Associado ao objeto desta pesquisa, podemos entender que, na compreensão ativa e responsiva dos enunciados, emergem discursos sobre a mulher na sociedade repletos de vozes intolerantes que se entrecruzam formando diferentes relações de sentidos. Assim sendo, na interação locutor/interlocutor, são construídos e desconstruídos conceitos e preconceitos em relação à mulher.

Após a reflexão sobre importantes conceitos da teoria bakhtiniana, apresenta-se, na próxima seção, um estudo sobre a intolerância contra a mulher.

1.2 A INTOLERÂNCIA CONTRA A MULHER

A intolerância e o preconceito estão enraizados em nossa sociedade e temos exemplos diários disso: discriminação contra a mulher, idosos, pessoas com necessidades especiais; a intolerância por orientação sexual, raça, classe social, crença religiosa, ou não tê-la, como no caso das pessoas adeptas ao Ateísmo e demais manifestações de não crença etc. (FARAH, 2017, p. 18). A postura do preconceituoso é de superioridade, completamente intolerante a tudo o que lhe é diferente. Em um país tão plural como o Brasil, essa postura é inaceitável, uma vez que

nosso povo é uma tessitura de raças, credos, línguas, cores, culturas...

O intolerante nega o diferente, mas há muito dele nesse outro. “O inferno são os outros”, enunciado dito por uma das personagens da peça de teatro *Huis clos* (*Entre quatro paredes*, na tradução brasileira), do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), escrita em 1945. Como não consegue dialogar com esse outro, é mais fácil desprezá-lo, pois ele se tornou uma espécie de “inferno particular”, já que não sabe lidar com essa diferença.

O que a tolerância e a intolerância têm a dizer sobre o diferente? O filósofo francês Roger-Pol Droit, em seu livro *Tolerância* (2017), disserta sobre essa questão:

[...] nunca conseguiremos concordar com tudo. Alguns acreditam em Deus, outros, não. Aqueles que acreditam em Deus têm religiões diferentes, às vezes concorrentes, mais ou menos rivais. Tampouco temos as mesmas ideias políticas, os mesmos gostos alimentares, musicais estéticos. Não temos as mesmas paixões nem os mesmos valores. Nossas convicções morais são igualmente distintas. Unificar tudo é rigorosamente impossível. Aliás, nem seria desejável. Portanto, sempre discordaremos em algum aspecto, essa é a realidade mais plausível. Mas, se for o caso, se não conseguimos chegar a um acordo, então precisamos, de toda maneira, nos tornar tolerantes! Precisamos aceitar que os outros, mesmo que às vezes pareçam aberrantes para nós, existem como são e não como gostaríamos que fossem... (DROIT, 2017, p. 86-87)

As diferenças, sob esse enfoque, são constitutivas das relações sociais e importantes para a sociedade. O fato de não se concordar não autoriza a violência. Consoante Droit (2017, p. 87), “podemos ter religiões, opiniões, convicções diferentes e mesmo opostas e, apesar de tudo, rejeitar, juntos, os confrontos e as matanças”.

Dessa forma, é reconhecido, aos outros, o direito de pensar o que eles pensam, ser o que são, fazer o que fazem. É o reconhecimento da liberdade total da pessoa de ela ser como é, de praticar sua religião, de ter opinião contrária a sua ideologia. Essa é a tolerância do respeito ao próximo, pois ele tem todo o direito de se expressar, sem que precise da permissão do outro.

A tolerância está relacionada ao respeito, isto é, respeito pelo direito que todos têm de se expressar livremente, pelo direito de se fazer ouvir, pelo direito de cada pessoa ter suas vontades, gostos, atitudes. Segundo Droit, (2017, p. 66), “a intolerância, a violência e a guerra vêm do fato de cada um estar convencido de que seu universo é o único válido, o melhor, que constitui o único mundo verdadeiro”.

O intolerante desconsidera a individualidade do outro porque, na sua visão, o seu mundo é o mais adequado, o único mundo possível, no qual tudo o que for diferente a isso não lhe serve. Na relação entre o “eu” e o “outro” e considerando os movimentos de empatia e exotopia, desenvolvidos por Bakhtin (2011), percebe-se que o sujeito intolerante centra-se sobre si

mesmo e vê o outro de fora, exotopicamente, sem se aproximar dele via empatia. Tanto a empatia quanto a exotopia são imprescindíveis nas relações sociais, já que somente vou (re)conhecer o outro se me aproximar dele e, simultaneamente, me afastar para vê-lo de fora, a partir do meu mundo. É pela relação de alteridade que o “eu” e o “outro” se reconhecem e são reconhecidos.

A intolerância é a dificuldade de se conviver com as diferenças. Do mesmo modo, o preconceito é uma forma de discriminação que se fundamenta em um julgamento prévio negativo. O preconceito é criado a partir dos valores e crenças que, muitas vezes, sustentam o ódio e o repúdio por determinada pessoa ou grupo social. Os preconceituosos manifestam sua valoração por meio de atos discriminatórios, que julgam ser os mais adequados, pois, em seu contexto, tudo o que é diferente não é aceito.

Tanto o preconceito como a intolerância são fenômenos que caracterizam a sociedade atual e um tipo deles é o machismo. Na cerimônia de sanção de Lei de Tipificação do Femicídio, Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015, a ex-presidenta Dilma Rousseff assim discursou sobre o contexto de violência contra a mulher:

O Brasil é uma terra generosa. Uma terra que não deve mais... não deve aceitar jamais, também, ser a terra da intolerância e do preconceito. A intolerância e o preconceito são as sementes dos piores males, dos piores sentimentos, das piores ideologias. Suscitam, inclusive, guerras. A intolerância e o preconceito é a semente do racismo, da xenofobia e do autoritarismo. Mata o amor, a fraternidade e mata também - é bom sempre nós lembrarmos -, a democracia. O machismo faz parte dessa matriz, dessa matriz de intolerância, preconceito que, muitas vezes, para não dizer que necessariamente, resulta em violência. O machismo é um mal a ser combatido porque ele discrimina, ele humilha, ele maltrata, agride e, no limite, como eu disse, mata. O machismo não se perpetua sozinho, contudo. Na origem da violência contra a mulher estão também sentimentos, como eu já disse, muito ruins. Além da intolerância e do preconceito, a covardia, e o fato de que se instaura o império do mais forte. Sobre tudo, outra questão muito grave: a impunidade (BRASIL, 2015).

O machismo é uma das valorações no espectro de valores que constituem as ações de intolerância e de preconceito, naturalizado na sociedade patriarcal. O seu tratamento como integrante da intolerância e do preconceito aponta para a situação crítica vivida na sociedade brasileira, em que o sujeito intolerante, preconceituoso, se acha no direito de punir o outro, no caso a mulher, de diferentes formas. Isso se agrava ao se perceber, por um lado, o ato de covardia e, por outro, a falta de punição a esses agressores.

O machismo, nesse contexto, é um tipo de preconceito que exalta a masculinidade, que oprime e que está introjetado na sociedade, por isso, em determinados grupos, seja tão difícil modificá-lo. “O machismo é um modo de ser que privilegia os ‘machos’ enquanto subestima

todos os demais” (TIBURI, 2019, p. 62-63). Alguns preconceitos são tão fortemente criados e difundidos na sociedade que começam a fazer parte da cultura do povo, tornando-se “verdades absolutas”. Assim são construídos os estereótipos, que passam de geração em geração, se fortalecendo no modo de pensar e sentir de um grupo social (SILVA, 2010, p. 563).

Os estereótipos são imagens pré-concebidas que medeiam nossa relação com a realidade (AMOSSY & PIERROT, 2011). O machismo e a misoginia também aparecem nos estereótipos quando o assunto são os gêneros femininos e masculinos. Muitos estereótipos são produzidos rotineiramente nos meios de comunicação (em propagandas de produtos de limpeza, nas quais aparecem somente mulheres) ou em frases como “isso é trabalho de homem”, “lugar de mulher é na cozinha”, entre outros exemplos.

O estereótipo pode ser visto tanto de forma positiva, vinculado à ideia de coesão e identidade social (a categorização simplificada/generalizada é indispensável à cognição), quanto de modo negativo, relacionado ao erro e ao preconceito (a categorização simplificada/generalizada é incompleta, por isso gera falsas evidências) (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2011). O culto à magreza é um estereótipo de beleza propagado pela sociedade, em que a mulher se aprisiona em dietas, cirurgias, tratamentos estéticos que, muitas vezes, colocam sua vida em risco.

Há outros tipos de estereótipos, como o estereótipo social e econômico, em que se inferioriza o pobre e se enaltece o rico; o estereótipo de gênero, que culturalmente estabelece azul como cor de menino e rosa, de menina, além de homofobia, machismo e misoginia quando se trata de gênero feminino e masculino; estereótipos étnicos e culturais, como a xenofobia e o etnocentrismo.²

Algo que fica claro é que o preconceito advém de argumentações sem fundamentação. É uma atitude alicerçada na emoção, nas ideias e opiniões comumente repetidas, sem haver nenhuma reflexão racional. Um enunciado preconceituoso é facilmente refutado, pois, muitas vezes, torna-se falacioso do ponto de vista argumentativo/retórico. Do ponto de vista dialógico, o enunciado preconceituoso parece se centrar única e exclusivamente no centro de valor do enunciador ao buscar silenciar as outras vozes.

Há, portanto, uma tentativa de apagamento de vozes “contrárias” e se elege um valor a ser “dogmatizado”, “monologilizado”. No discurso preconceituoso, se exclui o que há de bom no outro simplesmente pelo o que o outro é. Nesse sentido, Crochik (1995, p. 13) observa que

² DIANA, Daniela. Estereótipo. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/estereotipo/>. Acesso em 17 fev. 2020.

Para se estudar e entender o preconceito, é necessário recorrer a mais de uma área do saber. Embora esse seja um fenômeno também psicológico, aquilo que leva o indivíduo a ser ou não ser preconceituoso pode ser encontrado no seu processo. Ou seja, aquilo que permite ao indivíduo se constituir é também responsável por ele desenvolver ou não desenvolver preconceitos. A sua manifestação é individual, assim como responde às necessidades irracionais do indivíduo, mas surge no processo de socialização como resposta aos conflitos aí então gerados.

Assim sendo, nos discursos intolerantes e preconceituosos, o locutor projeta o seu interlocutor, direciona seu discurso para os sujeitos “considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais: de branqueamento da sociedade, de pureza da língua, de heterossexualidade, de identidade religiosa e outros” (BARROS, 2016, p. 08). Há, por conseguinte, relações de poder que, como observam López-Muñoz, Di Fanti e Malcorra (2020, p. 1), quando se estabelecem nas redes, dão lugar a discursos com grande interatividade, no que tange à viralização e curtidas. É, nesse sentido, que parece haver um consenso de que “o desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e, especificamente, o desenvolvimento das plataformas digitais de socialização reforçaram as tensões entre grupos”. Pode-se dizer, assim, que, com a internet, houve uma intensificação do preconceito contra a mulher, a qual se tornou um alvo desses discursos intolerantes, que a desqualificam, defendendo a superioridade masculina. Esse contexto é abordado no estudo sobre o feminismo apresentado a seguir.

O feminismo é uma ideologia e um movimento social que busca a igualdade de gênero tanto nas oportunidades, quanto nos direitos, que se fortaleceu a partir do início do século XIX. O movimento feminista, apesar de seus avanços como o direito ao voto, a inserção da mulher no mercado de trabalho, entre outros, ainda tem muitos desafios para conquistar.

Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-la [a mulher] a estudar, a praticar esporte; mas perdoam-lhe mais facilmente do que ao menino o fato de fracassar; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade. (BEAUVOIR, 1980, p. 255)

Nesse sentido, a palavra feminismo suscita emoções controversas, pois “é uma dessas palavras odiadas e amadas na mesma intensidade. Assim como há quem simplesmente rejeite a questão feminista, há quem se entregue a ela imediatamente” (TIBURI, 2019, p. 07). Uma relação de amor e ódio, esperança e medo, ou seja, não há como ficar indiferente a um movimento tão representativo como esse.

Feminismo e machismo, para Tiburi (2019, p. 12), não podem ser considerados pensamentos contrários. O feminismo pode ser definido “como o desejo por democracia radical

voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado.” O machismo defende a superioridade masculina, a misoginia, por meio de pensamentos, atitudes, fatos e costumes discriminatórios em relação às mulheres e provoca números alarmantes de casos de violência contra a mulher.³

O machismo é propagado na sociedade há muito tempo por meio de diferentes discursos. Nos contos de fada, a princesa só será salva e feliz pela chegada do príncipe encantado; na política, os discursos autoritários dentro do parlamento; no esporte, mulheres são assediadas por técnicos e têm menos incentivos financeiros; nos lares, a divisão injusta de tarefas domésticas e, na música, as letras de cunho machistas, nos mais diferentes ritmos, que incitam a violência contra a mulher, como nesse fragmento da música “Faixa Amarela”, do cantor Zeca Pagodinho⁴:

[...]
 Mas se ela vacilar, vou dar um castigo nela
 Vou lhe dar uma banda de frente
 Quebrar cinco dentes e quatro costelas
 Vou pegar a tal faixa amarela
 Gravada com o nome dela
 E mandar incendiar
 Na entrada da favela

Vou pegar a tal faixa amarela
 Gravada com o nome dela
 E mandar incendiar
 Na entrada da favela
 [...]

A música mencionada é um exemplo da intolerância contra a mulher. Há uma valorização na palavra *vacilar* voltada para o que seria um ato repreensível pelo locutor, cujo tom machista justificaria a violência física contra a mulher. Percebe-se, nesse contexto, “que há uma banalização da violência doméstica, já que “a violência é ‘sofrida’ por mulheres, o poder é ‘exercido’ pelos homens (TIBURI, 2019, p. 107)”, que pode ser observada em “Vou dar uma banda de frente/Quebrar cinco dentes e quatro costela”.

Algumas condutas são acessíveis aos homens, porém, proibidas às mulheres, ou, como

³ Dados sobre a violência contra mulher em 2019: uma mulher é vítima de estupro a cada 9 MINUTOS; Três mulheres são vítimas de feminicídio a CADA DIA; Uma mulher registra agressão sob a Lei Maria da Penha a cada 2 MINUTOS; Mais de 1,6 milhões de casos de espancamento de mulheres foram registrados no último ano. Desses, em 76,4% dos casos, as vítimas conheciam o agressor; Vitimização também é maior entre mulheres pretas (55,9%) do que entre as brancas (24,7%). Violência contra a mulher em dados. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/> Acesso em 10 dez. 2019.

⁴ MÚSICA MACHISTA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em <http://mmpb.com.br/musica/zeca-pagodinho/faixa-amarela> Acesso em 18 fev 2020.

alguns dizem “não aconselhadas”, uma vez que “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1980, p. 03)”. Essas condutas são construídas ao longo da história e são constantemente legitimadas nas diferentes esferas da atividade humana, a saber: religião, política, arte etc..

Quantas vezes já não se soube de casos em que o homem decide a roupa que a mulher usará, a cor do batom, do esmalte, o tipo de sapato e o penteado. Consentido por muitas mulheres, pelos mais diversos motivos, o homem está no comando das operações e, na sua visão preconceituosa, deixa claro o exercício pleno do autoritarismo.

Há muitas outras maneiras mais sutis mediante as quais os homens tiram proveito da alteridade da mulher. Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade (BEAUVOIR, 1980, p. 08).

Muitos homens traduzem essa insegurança em violência contra a mulher, que se expressa de várias formas. Seja violência física ou emocional, ela deixa marca irreversíveis no corpo e na alma da mulher. Portanto, o conservadorismo patriarcal oprime a mulher e impede a transformação social necessária para a igualdade de gênero.

Em busca dessa igualdade, a história de luta das mulheres teve seu advento na Grã Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1960 e na França nos anos 1970. Alguns fatores foram fundamentais para emergência do objeto “mulher” nas ciências humanas em geral e na história, segundo a escritora Michelle Perrot (2019, p. 19):

Fatores científicos: por volta dos anos 1970, dá-se uma renovação das questões, ligada à crise dos sistemas de pensamento (marxismo, estruturalismo), à modificação das alianças disciplinares e à proeminência da subjetividade. A história alia-se à antropologia e redescobre a família. [...]

Fatores sociológicos: entre eles, a presença das mulheres na universidade. Como estudantes elas representam quase um terço das matrículas nos anos 1970.

Fatores políticos: O movimento de liberação das mulheres [...] contava com o apoio das mulheres intelectuais, leitoras de Simone de Beauvoir [...]. Esse movimento teve consequências no saber, de duas diferentes maneiras, pelo menos. De início, em busca de ancestrais e de legitimidade, [...] começou um “trabalho de memória” que continua a desenvolver-se desde então no seio da sociedade em seu conjunto. A longo prazo, esse movimento teve ambições mais teóricas. Pretendia criticar os saberes constituídos, que se davam como universais a despeito de seu caráter predominantemente masculino.

Na história da humanidade, a invisibilidade e o silêncio das mulheres são características que fazem parte de uma ordem pré-concebida pelo patriarcado. Na Primeira Epístola a Timóteo,

cap. 2, 12-14, o apóstolo Paulo diz “que a mulher conserve o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão.” (PERROT, 2019, p. 17) Nessa visão, a mulher é um ser inferior em comparação com o homem e culpada pelo mal que causou, portanto, essa refração está presente desde os primeiros discursos na sociedade.

Esse silêncio se perpetua por muito tempo, pois o acesso das mulheres à escrita ocorreu tardiamente. Ao longo da história da sociedade, houve um silenciamento da mulher por considerá-la inferior ao homem, portanto, o que falava, quando tinha oportunidade, não era interessante para ser divulgado.

Essa história sempre foi contada pela visão do homem, de forma generalizada (“As mulheres são...”) ou por meio de estereótipos, que discriminam a mulher, pois “[...] ela é o Outro dentro de uma totalidade [...]” (BEAUVOIR, 1980, p. 05). Nas imagens, as mulheres são retratadas pelo imaginário masculino. Assim sendo, essa é uma história percebida pelo ponto de vista do outro, que não ocupa o lugar da mulher e não sabe o que é ser mulher e como ela se vê.

Nos discursos sobre a mulher, muito se fala dela, “para dizer o que elas são ou deveriam fazer” (PERROT, 2019, p. 22). Esses discursos que pregam a superioridade masculina são abundantes, como o do filósofo grego Aristóteles, que estabelece radicalmente essa superioridade. Para ele, as mulheres se movem nas fronteiras da civilidade e da selvageria, do humano e do animal, sendo uma ameaça potencial para a vida harmoniosa da coletividade.

Para o patriarcado, o corpo feminino sempre foi visto por sua capacidade reprodutiva, pois devem gerar “os filhos da nação”. Esse mesmo patriarcado também submete o corpo feminino ao trabalho sexual. Nesse sentido, Tiburi (2019, p. 36) fala “sobre a indiferença entre putas e esposas, todas submetidas ao patriarcado, umas vendendo o corpo reduzido ao trabalho sexual, outras entregando-se ao trabalho doméstico, reprodutivo e sexual [...]”.

A história do corpo feminino também é marcada pela violência doméstica, como no caso das operárias francesas: “a quantidade de mulheres que apanhavam dos maridos era imensa. Bater na mulher e nos filhos era considerado algo meio normal, para o chefe de família, de ser o senhor da casa – desde que o fizesse com moderação” (PERROT, 2019, p. 77). A “normalização” da violência doméstica é uma refração da visão patriarcal ainda vigente na sociedade, uma vez que, para o homem, o corpo da mulher não pertence a ela, mas é uma extensão de sua propriedade por ser ele a “autoridade máxima” do núcleo familiar.

O inevitável envelhecimento do corpo é visto de forma diferente para homens e para mulheres. Homens com cabelos brancos são considerados charmosos. Mulheres com cabelos

brancos são consideradas “desleixadas” com a aparência. Cabelos longos, corpo magro, sorriso perfeito, estereotipado como o que apresenta dentes alinhados e brancos, são características esperadas pela sociedade. Assim sendo, o corpo feminino está em constante julgamento, sendo observado, cobrado e sentenciado.

A mesma sociedade que cobra uma estética feminina impecável, também cobra a maternidade. Uma mulher que não tem filhos, seja por escolha ou pela impossibilidade de gerá-los, não estaria cumprindo a sua principal função: a de ser mãe. Importante ressaltar que essa maternidade também se torna um fator impeditivo para a mulher, já que muitas empresas tratam de forma distinta aquelas que têm filhos, seja nas oportunidades de emprego ou ascensão a cargos mais elevados, seja na remuneração de cargos iguais aos dos homens. “Um filho se eu quiser, quando eu quiser, como eu quiser” não é uma ideia bem vista pela sociedade dos “cidadãos de bem”, que defende e segue os valores tradicionais, como a ordem, a moral e a ética. É um moralismo propagado por um grupo que reage contra pautas progressistas como o movimento negro, o feminismo e o LGBTQ+.

A sexualidade feminina e masculina também recebe olhares distintos: o homem pode vivenciar sua sexualidade sem restrições, porque é considerado o “macho alfa”, aquele que pode ter vários relacionamentos e recebe uma “aprovação” da sociedade por essa conduta. A mulher não tem esse privilégio, “uma vez que o sexo da mulher deve ser protegido, fechado e possuído” (PERROT, 2019, p. 64). A sexualidade feminina ainda é um tabu para a sociedade, uma vez que essa sociedade moralista “define” se uma mulher é decente ou indecente, se ela é para casar ou para sexo casual. Assim, a mulher que vivencia sua sexualidade com liberdade é tratada de forma pejorativa.

Quanto à religião, Perrot (2019, p. 83-34) observa que a relação das mulheres com a religião é paradoxal, pois as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e o poder das mulheres. O catolicismo, clerical e macho, concede aos homens o acesso ao sacerdócio. Para as mulheres pecadoras, restam a prece, o convento das virgens consagradas e a santidade. E o prestígio crescente da Virgem Maria, o contrário de Eva.

O pecado, segundo I João 3:4, “nada mais é do que a transgressão aos mandamentos de Deus”. Nesse sentido, Eva pecou porque fora responsável pela queda de Adão e pelos desastres imputados aos seres humanos com a expulsão do paraíso. A Igreja oferecia um conforto às misérias das mulheres, porém pregando sua submissão.

Os saberes científicos foram, até o século passado, em sua maioria, desenvolvidos por homens, que frequentemente ignoravam o papel da mulher na sociedade, por meio da autoridade científica para legitimar hierarquias entre os sexos. Na medicina, por exemplo, inúmeros

estudos se dedicavam a “provar” a inferioridade física e intelectual da mulher: “O saber é contrário à feminilidade. Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra. É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber: sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso” (PERROT, 2019, p. 91).

O saber, historicamente, estava reservado ao homem. As mulheres tiveram essa oportunidade com a Reforma Protestante, que contribuiu para desenvolver a instrução das meninas, uma vez que fez da leitura da Bíblia um ato e uma obrigação de cada indivíduo, sem distinção de gênero. Essa instrução teve impactos a longo prazo sobre a condição das mulheres, seu acesso ao trabalho e à profissão, as relações entre os sexos e até mesmo sobre o feminismo contemporâneo.

Na Europa do século XIX, as mulheres participaram das revoluções burguesas, porém os direitos conquistados não se estenderam a elas e, a partir disso, surgiram os primeiros movimentos organizados de mulheres na história moderna. Na Inglaterra e na França, o Movimento Sufragista⁵ envolveu três gerações de lutas até que o direito ao voto feminino fosse realidade, o que só ocorreu nas primeiras décadas do século XX.

A mão de obra feminina foi extremamente desvalorizada, durante a consolidação do capitalismo industrial recebendo a metade da remuneração do equivalente masculino. Dentro dos sindicatos, as mulheres também enfrentaram preconceitos, o que fez com que muitas vezes articulassem seus próprios espaços de luta. O Dia Internacional da Mulher remete ao dia 8 de março de 1857, quando centenas de operárias da indústria têxtil de Nova Iorque foram duramente reprimidas por encamparem uma greve por melhores condições de trabalho.

Nos anos 1960, a segunda onda do feminismo⁶ desponta questionando radicalmente a naturalização dos papéis sociais de gênero. Mulheres se dedicam a denunciar as formas como os processos de socialização ensinam meninos e meninas a cumprirem seus papéis de dominantes e dominadas. Essas feministas sustentam que o masculino e o feminino são criações culturais, comportamentos que aprendemos desde cedo.

De acordo com Djamila Ribeiro (2018, p. 51), “o feminismo negro começou a ganhar força a partir da segunda onda do feminismo, entre 1960 e 1980”, nos Estados Unidos, via fundação da National Black Feminist, em 1973, e quando “feministas negras passaram a

⁵ O movimento sufragista reivindicou os **direitos políticos para as mulheres**, mais especificamente, o direito de votar e de ser votada. Surgiu na Inglaterra, no século XIX, e alcançou o mundo no século XX, período em que a reivindicação foi atendida pela maioria dos países. Para mais informações, consultar REZENDE, Milka de Oliveira. *Movimento sufragista. Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/movimento-sufragista.htm>. Acesso em: 18 dez. 2020.

⁶ BETONI, Camila, *Feminismo*. Disponível em <https://www.infoescola.com/sociologia/feminismo/> Acesso em 10 dez. 2019.

escrever sobre o tema, criando uma literatura feminista negra”. No Brasil, somente em 1980 o feminismo negro passou a ganhar força, marcado pelo III Encontro Feminista Latino-Americano, realizado em Bertioga em 1985.

No contexto do racismo estrutural, Ribeiro (2018, p. 58) observa que “uma mulher negra empoderada incomoda muita gente – basta perceber os olhares e os comentários de algumas pessoas quando veem uma que não se curva às exigências de uma sociedade racista e misógina”. Nesse sentido, é comum xingamentos do tipo “Que negra metida”, “Essa negra se acha”, “Quem essa negra pensa que é?”. O que se percebe é que o machismo e o racismo são elementos estruturantes da sociedade, assim perpassam os diferentes espaços sociais como forças opressoras. Para Ribeiro (2018, p. 76), falar sobre esse tema é uma “questão de sobrevivência”, em que se denuncia “a dura e desigual realidade”, de modo a ampliar a universalidade e fazer com que haja uma abrangência maior de possibilidades de existência. Nessa direção, Ribeiro (2018, p. 78) destaca ainda que “nada é isento de ideologia”. A ciência não é neutra. “Falar de questões que foram historicamente tidas como inferiores, falar de mulher, população negra e LGBT, é romper com a ilusão de universalidade que exclui”.

Neste capítulo, discutiu-se sobre conceitos importantes para a compreensão da construção do discurso intolerante contra a mulher, que, presente nas redes sociais, a depreciam via cristalização de discursos machistas que normalizam ideias como a banalização do estupro. Assim sendo, seguindo Droit (2017, p. 78), é fundamental que se trate de “rejeitar o intolerável”, pois não pode haver tolerância quando houver desrespeito pelo outro.

Nesse mesmo viés, a discussão sobre preconceito é cada mais necessária, uma vez que ele está presente na sociedade que discrimina a mulher branca, porque ela precisa atender a um padrão determinado pelo patriarcado; a mulher negra, porque ela também “deve” atender a esse padrão e se “adaptar” cada vez mais à branquitude, como, por exemplo, alisar o seu cabelo; a mulher em relação ao homem no mercado de trabalho, entre outros. O preconceituoso padroniza atitudes, conceitos, costumes pelo seu ponto de vista e tudo o que for diferente disso é desrespeitado, uma vez que ele marginaliza as diferenças existentes no mundo.

Assim sendo, estudar sobre o feminismo é uma forma de ampliar a discussão a fim de se construir caminhos para que a sociedade entenda a urgência da igualdade de gênero. A mulher, segundo Simone de Beauvoir (1980, p.23), é vista como o Outro pelo homem e, por mais que ele negue a existência de hierarquia entre os gêneros e que a considere como igual em situações pacíficas, diante de uma situação conflituosa fará questão de impor a disparidade entre mulheres e homens.

Os estereótipos cristalizados na sociedade patriarcal também contribuem para a

disseminação dos discursos intolerantes contra a mulher, branca e negra, uma vez que são ideias preestabelecidas a partir de um senso comum, sem nenhum aporte teórico. Dessa forma, refrações como “lugar de mulher é na cozinha”, “mulher que joga futebol é sapatona” são compartilhadas nas redes sociais e “definem” as mulheres segundo a ótica do locutor dos discursos de tom machista.

Na continuidade das discussões ora apresentadas, o próximo capítulo desta pesquisa aborda o discurso nas redes sociais, quanto à contextualização e aos procedimentos metodológicos.

2 O DISCURSO INTOLERANTE NAS REDES SOCIAIS: CONTEXTUALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo está dividido em duas seções, sendo que a primeira apresenta um breve estudo sobre redes sociais e internet, discorrendo, também, sobre os discursos intolerantes que circulam nas redes. A segunda seção apresenta os procedimentos metodológicos em três etapas: coleta, seleção e análise do material de pesquisa.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Na era das cavernas, o homem já se comunicava por meio de pinturas e formas geométricas e, com o tempo, essas formas se aperfeiçoaram. A interação social motivou a evolução das formas de comunicação, uma vez que quanto mais a sociedade se transforma, novas formas de comunicação são criadas para descrever essa mudança.

O conceito de rede social surgiu na primeira metade do século XX e, segundo Portugal (2007), “[...] o termo era sobretudo usado em sentido metafórico: os autores não identificavam características morfológicas, úteis para a descrição de situações específicas, nem estabeleciam relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que as constituem [...]”. A partir dessa necessidade de se relacionar, esse conceito se contextualizou.

O ato de se comunicar está presente em tudo o que fazemos e essa necessidade nos faz interagir com o outro para nos constituirmos. Nesse contexto, vamos criando nossas “redes” de contato e construindo nossa história, pois “cada um é uma linha que tece sua história. Por isso, podemos falar de ‘linha da vida’, ‘linha do tempo’. A linha tem direção e sentido dualizado (cima, baixo; esquerda, direita), tem duas pontas, pode representar passado e futuro” (VERMELHO, VELHO E BERTONCELLO, 2015, p. 880).

Assim como vínculos indissolúveis, as redes se estendem para os quatro lados. Dessa forma, as ligações que constituem as redes são a sua essência. Portanto, “[...] muito mais que uma tecnologia da moda, as RSD⁷ podem estar respondendo a anseios humanos e podem ser elementos de tensão na sociedade atual. Manifestações organizadas pela rede são noticiadas com frequência, mostrando o potencial de mobilização social” (VERMELHO, VELHO E BERTONCELLO, 2015, p. 880).

⁷ RSD é a sigla de redes sociais digitais.

As redes sociais têm um potencial de mobilização muito grande, pois qualquer evento marcado pelo ambiente virtual pode se tornar imenso. Esse alcance também pode ter o efeito contrário, já que notícias falsas também podem ter um número enorme de compartilhamentos.

As redes sociais vêm sendo um campo no qual os discursos de ódio e intolerância estão se disseminando na internet. É inegável o seu poder de comunicação, tanto para difundir notícias verdadeiras ou falsas. Nunca se falou tanto em *Fake News*⁸, ou seja, notícias falsas espalhadas por veículos ou usuários pelos mais variados motivos e, nesse contexto, os discursos intolerantes se multiplicam.

Não faltam exemplos que comprovam o efeito avassalador dessas notícias, como o da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, que morreu após ter sido espancada por um grupo de moradores do Guarujá, no litoral de São Paulo, em 2014. Em virtude de informações veiculadas em uma rede social, com um retrato falado de uma possível sequestradora de crianças para rituais de magia negra, a dona de casa foi confundida com a criminosa e linchada por moradores dessa cidade.

As redes sociais aumentaram o alcance da desinformação, pois quanto mais notícias falsas são publicadas, mais elas se tornam verdades absolutas para uma grande parte da população que não busca saber da veracidade dessas informações. Segundo o *First Draft*, projeto da Universidade de Harvard, existem sete tipos de notícias falsas: sátira ou paródia; conteúdo fabricado; conteúdo manipulado; conteúdo impostor; contexto falso; conteúdo enganoso e conexão falsa. Assim sendo, informar-se é a melhor forma de não contribuir com a disseminação dessas *Fake News*.

O conceito de *Fake News* é hoje sinônimo de desinformação, utilizado livremente pelos veículos noticiosos para indicar rumores e notícias falsas que circulam, principalmente, na mídia social (RICUERO; GRUZD, 2019). As pessoas acreditam em informações conforme suas crenças e desacreditam em tudo o que não corresponder a elas. Nesse contexto, devido ao alcance das mídias sociais, a circulação de notícias falsas também atinge um grande número de pessoas.

Para contrapor a avalanche de *Fake News*, inúmeras ferramentas têm sido criadas, como o detector de *Fake News* (disponível em <http://nilc-fakenews.herokuapp.com/>), criado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Nele, a pessoa copia o texto de uma notícia, cola no espaço disponível e clica em “Enviar”, para que o sistema processe o texto e

⁸ Para saber mais sobre *Fake News*, consultar RICUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. *Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532019000200031 Acesso em 11 dez. 2019.

identifique sua veracidade.

O Instagram anunciou uma expansão em seu programa de checagem de fatos e aquelas com notícias falsas terão sua distribuição filtrada da aba *Explorar* e da pesquisa por hashtags, e exibirão um aviso de que aquele conteúdo é falso. Outro ponto importante é que a identificação de fotos e vídeos falsos utilizará tecnologia de aprendizado de máquina, com o auxílio de empresas independentes que realizam checagem de fatos.

Cada rede social tem a sua arquitetura e suas particularidades. Nesta pesquisa, são brevemente estudados o Facebook, o Instagram e o Twitter. O Facebook⁹ é a maior rede social de todo o mundo, contando com 2 bilhões de usuários ativos. Nessa rede social pode-se criar um perfil, uma página e um grupo. O perfil é criado para uso pessoal e por meio dele o usuário se conecta com seus amigos, publica textos, fotos, vídeos, compartilha postagens, entre outros.

No Facebook, os locutores e os interlocutores interagem por meio de três possibilidades: curtir, comentar e compartilhar. Para curtir uma postagem, os usuários podem valorar sua interação com diferentes signos ou *emojis*. *Emoji* é uma palavra de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, um signo que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa, conforme a figura a seguir:

Figura 1 – *Emojis* do Facebook¹⁰



Fonte: G1.globo.com (2020)

Os *emojis* disponíveis para curtir uma postagem têm diferentes valorações: o signo “polegar para cima” indica que o usuário curtiu a postagem, aparecendo a palavra “curtir” ao clicar nesse signo; o signo “coração” corresponde que o usuário “amou” a postagem e aparece a palavra “amei” ao clicá-lo. A interjeição “Haha” apresenta-se no *emoji* sorrindo para as postagens que os usuários consideram engraçadas e nas postagens em que os usuários se

⁹ RODRIGUES, Jessé. *Diferença entre perfil, página e grupo no Facebook*. Disponível em <<https://blog.escoladomarketingdigital.com.br/diferenca-entre-perfil-pagina-e-grupo-facebook/>> Acesso em 11 dez. 2019.

¹⁰ GOMES, Helton Simões. *Facebook liberar cinco novos botões alternativos para curtir*. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>> Acesso em 15 fev. 2020.

surpreendem com o conteúdo, a interjeição “Uau” surge ao clicar no *emoji* “surpreso”. O usuário que valora a postagem como comvente, tem a possibilidade de clicar no signo que refrata a tristeza, um *emoji* chorando, cuja palavra correspondente é triste e, finalmente, para as postagens que os usuários refutam o seu conteúdo, o signo corresponde é um *emoji* com traços de raiva, representado pela interjeição “Grr”.

A outra possibilidade de interação entre locutores e interlocutores, no Facebook, são os comentários das postagens, conforme a figura a seguir:

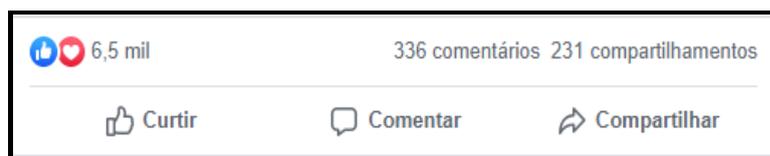
Figura 2 – Comentar no Facebook¹¹



FONTE: Perfil da autora no Facebook (2020)

Nos comentários, há a atividade ativa e responsiva entre os sujeitos falantes, que refutam ou dão coro de apoio ao conteúdo publicado. Para valorar sua interação, os usuários podem inserir *emojis*, anexar foto ou vídeo, publicar um *GIF*¹² (*Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos) ou publicar uma figurinha. Finalmente, a interação ocorre, também, nos compartilhamentos das postagens, como se verifica na figura 3:

Figura 3 – Compartilhar no Facebook¹³



FONTE: Perfil da autora (2020)

O usuário pode compartilhar uma publicação que viu no se *Feed de Notícias*, que serve para que ele se mantenha conectado com pessoas, locais e assuntos importantes, começando com amigos e família. As publicações que aparecem primeiro são influenciadas por suas

¹¹ Perfil pessoal de Luciane Alves Branco Martins. Disponível em <https://www.facebook.com/luciane.alves.3192> Acesso em 15 fev. 2020.

¹² Brito, Edivaldo. *O que é GIF?* Disponível em <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html> Acesso em 15 fev. 2020.

¹³ Perfil pessoal de Luciane Alves Branco Martins. Disponível em <https://www.facebook.com/curiosidadesterra/photos/a.1600644953488690/2655300428023132/?type=3&theater> Acesso em 15 fev. 2020.

conexões e atividades no Facebook¹⁴. Outra possibilidade de publicação é realizada nos *Stories* do Facebook, que permitem compartilhar fotos e vídeos com seus amigos e seguidores. Eles ficarão disponíveis para o público selecionado por apenas 24 horas.¹⁵

As páginas do Facebook (ou *Fan Pages*) são criadas para negócios, figuras públicas e organizações. Nas páginas, são veiculados os anúncios dessa rede social. Diferente do perfil, uma página tem um número ilimitado de “fãs”, como são chamados os seus usuários. Esse fã pode curtir (ou não) e seguir uma página, facilitando o contato com a marca, já que todas as informações e postagens são públicas.

Uma página é criada por um perfil, que pode ter diferentes administradores. Os usuários que curtem uma página recebem atualizações no Feed de Notícias e podem migrar um perfil para uma página ou mesclar páginas.

Outra possibilidade é a criação de um grupo, ou comunidades, no Facebook, que têm o objetivo de unir perfis, promovendo conversas e discussões privadas entre pessoas com um interesse em comum. É possível, também, associar um grupo a uma página, ou seja, criar uma comunidade da página.

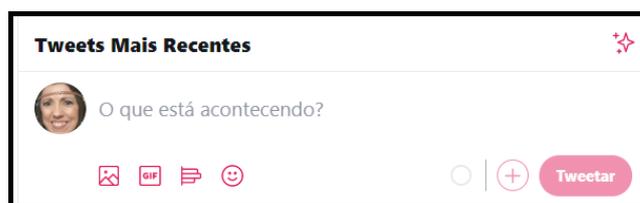
Os grupos podem ser abertos com postagens públicas ou fechados, exclusivos para os usuários cadastrados, que recebem notificações das postagens realizadas pelos membros do grupo. Essa é uma alternativa para explorar diversos temas e reunir pessoas com interesses em comum.

O Twitter¹⁶ é uma rede social conhecida como microblog. O usuário pode publicar textos com até 140 caracteres, além de fotos, vídeos e links sobre o que está fazendo, onde está, informações sobre o trânsito ou a sua opinião sobre um assunto, conforme figura 4.

¹⁴ Como faço para compartilhar uma publicação que vejo no meu Feed de Notícias no Facebook? Disponível em <https://www.facebook.com/help/163779957017799> Acesso em 15 fev. 2020.

¹⁵ *Stories*. Disponível em <https://www.facebook.com/help/126560554619115> Acesso em 15 fev. 2020.

¹⁶ JESUS, Aline. *O que é Twitter e para que serve*. Disponível em <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/02/o-que-e-twitter-e-para-que-serve.html> Acesso em 11 dez. 2019.

Figura 4 – Perfil no Twitter¹⁷

FONTE: Perfil da autora (2020)

Os termos utilizados no **Twitter** são “Followers” (pessoas que estão seguindo o usuário) e “Following” (quantidade de pessoas que o usuário está seguindo). Assim como o Instagram, é utilizado a @ antes do nome de cada perfil. A interação entre locutores e interlocutores no Twitter se estabelece pelas seguintes possibilidades: comentar, retweetar, curtir, compartilhar um twitte e as estatísticas, conforme a figura 5.

Figura 5 – Twitte no perfil do Twitter¹⁸

FONTE: Perfil da autora (2020)

Para comentar o tweet de um usuário, clica-se no signo de um “balãozinho”, com o enunciando “respondendo a @...”. O segundo signo significa “retweetar”, que é uma nova postagem do Tweet de alguém. Esse recurso ajuda aos usuários a compartilhar rapidamente um tweet com todos os seus seguidores e, muitas vezes, é digitado um “RT” no início de um tweet com essa mesma função.

O signo de “coração” é utilizado para curtir um tweet, assim como no Facebook. O signo com uma seta para cima tem a função de compartilhar o tweet e pode ser realizado de três formas: enviar por mensagem direta, salvar o tweet e copiar o link para o tweet. O último signo é relativo às estatísticas de interação entre locutores e interlocutores, ou seja, número de usuários que viram esse tweet no Twitter e total de engajamentos, que são os interlocutores que interagiram com esse tweet.

¹⁷ Perfil no Twitter de Luciane Alves Branco Martins. Disponível em https://twitter.com/Luciane_Branco Acesso em 15 fev. 2020.

¹⁸ Perfil no Twitter de Luciane Alves Branco Martins. Disponível em https://twitter.com/Luciane_Branco Acesso em 15 fev. 2020.

Instagram¹⁹ é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr. O perfil mostra a biografia do usuário e suas publicações. Nele pode-se editar as informações do perfil e alterar as configurações da conta. Cada usuário tem um signo de @ (arroba) em seu nome cadastrado.

Figura 6 – Perfil do Instagram²⁰



FONTE: Perfil da autora (2020)

Assim como no Facebook e no Twitter, o signo de “coração” indica que o usuário curtiu a postagem. Há, também, a possibilidade de interação por meio de comentário entre locutores e interlocutores, que dão coro de apoio ou refutam a postagem publicada nesta rede social.

O caráter instantâneo do Instagram é uma característica marcante dessa rede social, pois se propõe a registrar o instante, o momento. Para isso, os *stories* são uma tentativa de capturar as cenas do cotidiano, que ficam disponíveis por 24h no perfil do usuário. Essa ferramenta fez tanto sucesso, que migrou para o Facebook e o WhatsApp, destacando o “fato” instantâneo.

O *Instagram for Business*, ou Instagram para empresas, é um conjunto de ferramentas que permite que negócios tenham um perfil comercial, façam anúncios e acessem dados dos seguidores na rede social. Ficam disponíveis informações como gênero, idade, localização e horários em que essas pessoas mais acessam o aplicativo, assim como alcance e engajamento das publicações.

As redes sociais aproximam pessoas em todo o mundo, por meio de e-mails, sites,

19 CARRIERI, Sá. *Guia completo sobre o Instagram*. Disponível em <https://decifrandonegociosonline.com.br/guia-completo-sobre-instagram/> Acesso em 11 dez. 2019.

20 Perfil de Luciane Alves Branco Martins no Instagram. Disponível em <https://www.instagram.com/lucianealvesbranco/tagged/> Acesso em 15 fev. 2020.

aplicativos, porém esses meios que aproximam, também, propagam discursos intolerantes, um canal de disseminação de violência. Para Orkut Büyükkökten, criador da antiga rede social com o seu nome, a internet transformou a humanidade de muitas maneiras, deixou muitas coisas mais fáceis e eficientes, mas estamos mais sozinhos e desconectados do que nunca. Ele acredita que um dos motivos para o acirramento da intolerância nas redes sociais é a cultura do narcisismo, pois “estamos cercados de espelhos, que refletem não verdadeiramente como nos sentimos, mas o que queremos que o mundo veja em nós” e que o Facebook e o Instagram potencializaram esse contexto.²¹

As postagens analisadas para esta pesquisa foram coletadas nas redes sociais supracitadas. Nesse sentido, cada postagem, texto, discurso mostra, de alguma forma, características que o locutor apresenta e que, se as esconde em suas relações interpessoais, nas redes sociais, por estarem protegidos por perfis, se mostram claramente.

Os discursos intolerantes são, em relação às paixões construídas nos discursos (...), fortemente passionais, e seus sujeitos são, assim, sempre sujeitos apaixonados. Predominam, nesses discursos, dois tipos de paixões – as paixões ditas malevolentes (antipatia, ódio, raiva, xenofobia etc.) ou de querer fazer mal ao sujeito que não cumpriu os acordos sociais acima mencionados, e as paixões do medo do “diferente” e dos danos que ele pode causar (BARROS, 2011, p. 07).

Nesse sentido, os discursos intolerantes reforçam o preconceito presente na sociedade e representam uma parcela de pessoas que, a partir de uma argumentação emocional, desconsideram o outro, que é diferente. A emoção prevalece nesses discursos e repercutem interlocutores que se identificam com a posição ideológica do interlocutor.

Os discursos intolerantes na internet não se limitam a um gênero do discurso, pois “[...] para definir um gênero é necessária a estabilidade de composição, de temática e de estilo, no âmbito de uma dada esfera de ação (religiosa, midiática, escolar, familiar etc.)” (BARROS, 2011, p. 01-02). Esses discursos evoluem para atender as necessidades imediatas dos sujeitos em qualquer situação comunicativa.

Dessa forma, o discurso das redes sociais, como todo discurso, é dialógico. O locutor projeta, idealiza, de alguma forma, o seu destinatário, no caso, quem concorda com suas ideias e quem não concorda também. Sabe que haverá réplica, pois seu discurso é polêmico e, portanto, passível de manifestações de todos os lados.

²¹ GNIPPER, Patrícia. Uma análise sobre a propagação do ódio pela internet e suas consequências. Disponível em <https://canaltech.com.br/comportamento/uma-analise-sobre-a-propagacao-do-odio-pela-internet-e-suas-consequencias-100018/> Acesso em 15 fev. 2020.

(...) Ao falar do discurso do outro, não podemos deixar de ocupar alguma posição dialógica em relação a ele, concordar e discordar dele, assumir diante dele uma posição polêmica, irônica, apresentá-la como uma posição verdadeira, de autoridade duvidosa etc. Desse modo, existe neste caso uma relação de caráter dialógico com o discurso do outro. (BAKHTIN, 2016, p. 147)

Assim sendo, sempre haverá uma tensão em qualquer situação de fala, pois ela é inerente à interação, ao encontro, à ação entre duas pessoas que podem estar em harmonia ou não. Não se trata de pensamento, mas de intercâmbio de pensamentos; não se trata de um enunciado (isolado e autossuficiente), mas de um intercâmbio de enunciados no âmbito de uma dada sociedade (BAKHTIN, 2016, p. 149). Assim sendo, locutor e interlocutor estão em um constante diálogo, nas redes sociais, buscando sempre uma compreensão ativa e responsiva.

As redes sociais são um ambiente que aproxima pessoas de todo o mundo. Em um clique, se inicia o diálogo com alguém que está a milhares de quilômetros de distância, de forma rápida e efetiva. Essa aproximação pode ser harmoniosa e/ou conflituosa, uma vez que sempre há uma tensão constitutiva nos diálogos.

Outro ponto a considerar é a exclusão ou o bloqueio de pessoas nas redes sociais. Com a mesma facilidade com que as “amizades virtuais” são feitas, basta aceitar a solicitação de amizade e já se tem um novo amigo virtual, essas amizades são desfeitas. Segundo o pesquisador Christopher Sibona, da Universidade do Colorado (EUA)²², após entrevistar mais de mil usuários do Facebook, os amigos de tempo da escola são as primeiras amizades virtuais a serem desfeitas por dois motivos: eles postam conteúdo radical sobre política e religião ou fazem um grande número de posts sobre assuntos irrelevantes.

Nessa mesma pesquisa, também foram apontadas outras amizades virtuais desfeitas com frequência: os contatos profissionais, de colegas de trabalho a clientes e fornecedores. Importante ressaltar que o estudo de Sibona conclui que o maior motivo para deletarmos uma amizade profissional do mundo virtual são problemas offline, pois é provável que deletar alguém do trabalho, com quem existe contato na vida real do dia a dia, só por causa de posts inconvenientes cause situações constrangedoras. Assim, só existe um rompimento virtual depois que a relação real está prejudicada.

Outros fatores a serem considerados quanto à exclusão e ao bloqueio de amigos são a idade e o gênero, uma vez que os mais jovens costumam deletar colegas com mais frequência

²² LEONARDI, Ana Carolina. *Por que deletamos amigos do Facebook? A ciência explica*. Disponível em <https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-deletamos-amigos-do-facebook-a-ciencia-explica/> Acesso em: 14 dez. 2020.

e são menos tolerantes com as pessoas que postam excessivamente. Em relação ao gênero, as mulheres tendem a ser mais pacientes que os homens quanto ao conteúdo das postagens.

Muitos “internautas” se utilizam do anonimato, para disseminar preconceito e intolerância nas redes sociais. Em um ambiente, no qual as pessoas querem mostrar o “seu mundo perfeito”, no qual a sua opinião é a única e adequada, eles buscam visões que reforcem suas opiniões, reunindo-se em comunidades e grupos.

Esses usuários não conseguem lidar com o discurso do outro, com a pluralidade de ideias, portanto, combatem, muitas vezes de forma violenta, a tudo o que seja diferente de suas crenças. Na vida pública, não conseguem, ou não podem expressar suas ideias carregadas de ódio e preconceito e, assim sendo, o fazem atrás de uma tela de computador, de um smartphone. Os sentimentos menos nobres sempre existiram na sociedade e, atualmente, eles estão aflorando nos debates nas redes sociais.

Dessa forma, os discursos das redes sociais refratam a ótica do locutor preconceituoso, que tem, nos interlocutores que respondem as suas mensagens, um coro de apoio das ideias solidificadas na sociedade patriarcal. Essa sociedade que acredita que a mulher deve permanecer em casa, que seus projetos pessoais não são mais importantes que a limpeza da casa e que desqualificam a mulher que joga futebol.

Essa refração estabelece um alto grau de intolerância contra a mulher nas redes sociais, uma vez que o locutor dos discursos intolerantes acredita que suas ideias são verdades absolutas, portanto, não aceitam refrações contrárias, principalmente vindas das mulheres que não concordam com esses discursos de ódio e que são insultas na convivência virtual.

O preconceito e a intolerância contra a mulher presentes nas redes sociais são consequências do que ocorre fora das redes sociais. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP (2020, p.06), no Rio Grande do Sul, houve um crescimento de 66% dos feminicídios nos meses de março e abril de 2020, em comparação com o mesmo período de 2019, portanto, os discursos de ódio proferidos na esfera virtual sinalizam o comportamento de seu locutor na vida fora da internet.

Após contemplar um breve estudo sobre redes sobre redes sociais e internet, a seguir apresentam-se os procedimentos metodológicos desta dissertação.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo geral de analisar a construção do discurso intolerante contra a mulher nas redes sociais, o trabalho parte do referencial teórico desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin e estabelece interface com reflexões sobre a intolerância, o preconceito e o feminismo. Os objetivos específicos desta pesquisa são: a) analisar como é construída a relação locutor/interlocutor nos discursos intolerantes nas redes sociais; b) analisar como os tons intolerantes se engendram nos enunciados e desqualificam a mulher e c) verificar que imagem de mulher circula nas redes sociais.

Quanto aos procedimentos metodológicos, são consideradas a coleta, a seleção e a análise de discursos intolerantes contra a mulher. No que tange à coleta, realizou-se uma pesquisa em três redes sociais, a saber, Facebook, Twitter e Instagram, para fazer um levantamento desses discursos, considerando que, na materialização de mensagens, há a propagação de discursos que desqualificam a mulher e são curtidos, comentados e compartilhados nessas redes sociais. A fim de delimitar a coleta nessas redes sociais, foram utilizados os termos “machismo” e “machista” devido às inúmeras postagens de cunho machista, que defendem seu posicionamento.

A partir dessa delimitação, foram encontradas, no Facebook, cerca de 70 comunidades brasileiras, que têm no título os termos mencionados. Nessas comunidades, os posts encontrados sempre se referiam a uma depreciação da imagem da mulher. No Instagram, acrescentou-se, aos termos delimitados, o signo gráfico “@”, conhecido por “arroba”, para a busca de perfis que se autointitulavam machistas e, nesse contexto, foram encontrados em torno de 40 perfis brasileiros. No Twitter, foram analisados cerca de 30 perfis brasileiros, nos quais os termos delimitados apareciam em seu título.

A coleta foi realizada em postagens publicadas no período entre janeiro de 2014 e agosto de 2019 nas referidas redes sociais. Cabe ressaltar que, ao delimitar os critérios para a seleção do material, no universo de todas as postagens pesquisadas, a data dessas postagens não foi relevante para a sua escolha.

No que diz respeito à seleção do material, foram escolhidas três postagens, uma de cada rede social, considerando os seguintes critérios: a) pesquisa nas redes sociais dos termos “machismo” e “machista” em comunidades ou perfis brasileiros; b) postagens cuja temática fosse a desqualificação da mulher a partir do uso de tons depreciativos a sua imagem. Dessa forma, foram selecionados os seguintes discursos: um post da comunidade “Prints Machistas”, do Facebook (2014), um anúncio do produto de limpeza Mr. Músculo, veiculado em seu perfil

no Twitter (2015) e um post do perfil “Machista_Sincero”, do Instagram (2019).

Quanto à análise dos discursos selecionados, são consideradas noções desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, como dialogismo, palavra, enunciado, signo ideológico, reflexo e refração, acerto valorativo / entonação expressiva e gêneros do discurso. Também são consideradas reflexões sobre intolerância, preconceito e feminismo. Além disso, a pesquisa analisa o contexto de discriminação contra a mulher em nossa sociedade.

Iniciam-se as análises de cada uma das postagens com uma breve apresentação da comunidade ou perfil da rede social escolhida, a partir de critérios já mencionados, e finaliza-se com as observações de como é construída a imagem discursiva da mulher em cada postagem. Passe-se, no capítulo seguinte, à análise dialógica desse material selecionado, com um estudo entre os três discursos intolerantes contra a mulher elencados para esta dissertação, em que são apresentadas diferenças e semelhanças encontradas nesses discursos das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram.

3 A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO INTOLERANTE CONTRA A MULHER NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

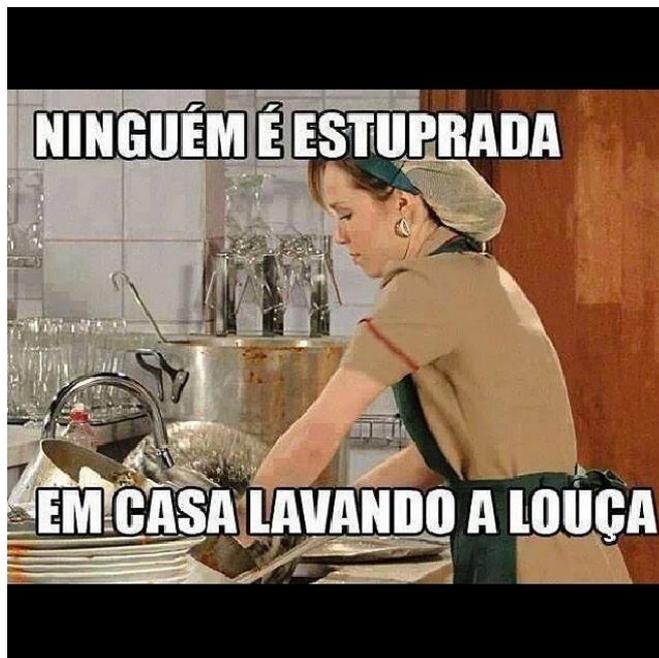
Neste capítulo, apresenta-se a análise das postagens selecionadas nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram. Para tanto, a reflexão acerca das postagens está organizada em quatro seções. A primeira contempla a postagem de uma comunidade do Facebook que se autodenomina machista, em que apresenta uma mulher, dona de casa, ocupada com as lidas domésticas, que estaria protegida em seu lar, sem o risco do estupro.

A segunda seção apresenta uma postagem realizada no Instagram, com a temática versando sobre a desqualificação da Seleção Brasileira Feminina de Futebol em relação à Seleção Brasileira Masculina, em virtude do uso da camisa verde e amarela, em que constam as cinco estrelas alusivas aos cinco campeonatos mundiais conquistados pelo futebol masculino. Na terceira seção, há um anúncio veiculado no Twitter, que mostra a recorrente ideia da mulher como dona de casa que, somente após cumprir sua rotina doméstica, pode planejar o seu futuro. Finalmente, na quarta seção, é apresentada uma discussão das três análises desenvolvidas, apresentando, via relações dialógicas, pontos em comum e diferenças entre elas.

3.1 FACEBOOK

A postagem selecionada pertence à comunidade *Prints Machistas*, que foi criada em 30 de março de 2013, tendo atualmente 274 seguidores. O conteúdo das postagens dessa comunidade é totalitariamente de cunho machista, nas quais a mulher é vítima de discriminação e intolerância. Os posts recebem comentários de apoio ao discurso do locutor e algumas mulheres também comentam, expressando sua opinião contrária a esse discurso.

A interação da comunidade supracitada se estabelece por meio da arquitetura do Facebook, em que o usuário pode interagir curtindo, comentando ou compartilhando o conteúdo da postagem. Na comunidade mencionada, as postagens recebem comentários de usuários e usuárias, havendo um embate constante, pois as postagens são de teor discriminatório em relação às mulheres e, nesse sentido, têm um coro de apoio nos usuários, que concordam com esse discurso. As usuárias que comentam essas postagens discordam do conteúdo das postagens, pois repudiam a forma depreciativa com que as mulheres são apresentadas nos posts.

Figura 7 - Prints Machistas²³

Fonte: Comunidade Prints Machistas, 31/03/2014.

A postagem ora analisada teve cerca de 20 curtidas: 10 curtidas ou “likes”, quatro curtidas no signo de surpresa ou “Uau” e seis curtidas no signo de raiva ou “Grr”. Houve cinco compartilhamentos e dez comentários, sendo quatro de usuários e seis de usuárias do Facebook. Os comentários femininos apresentam uma discordância em relação ao discurso da postagem, uma vez que, na visão das usuárias, esse discurso é discriminatório e incentiva a cultura do estupro. Nos comentários masculinos, percebe-se que os usuários concordam com o discurso ora apresentado, uma vez que acreditam que a mulher que permanece em casa está protegida dos perigos da rua.

As postagens do Facebook, geralmente, apresentam enunciados visuais ou verbo-visuais, isto é, utilizam a linguagem verbal e não verbal. Os elementos apresentados, na postagem em foco, são verbo-visuais e o discurso do locutor se apresenta em forma de enunciados, que privilegiam a interação social e o contexto comunicacional.

O contexto dessa postagem versa sobre o visual de uma mulher que está vestida com um uniforme, avental e touca. Seus cabelos estão arrumados, ainda que pouco visíveis, e ela usa brincos. Seu rosto apresenta uma expressão suave, não aparentando cansaço ou

²³ Disponível em

<https://www.facebook.com/PrintsMachistas/photos/a.154150608097600.1073741831.142724305906897/260291894150137/?type=3&theater> Acesso em 25 jun. 2019.

descontentamento, já que está lavando em uma pia cheia de louça, e seu corpo é magro, considerado elegante para os padrões hegemônicos.

Esse “retrato” auxilia a naturalizar uma imagem de mulher feliz dentro de casa, mulher que segue os padrões de uma sociedade patriarcal. A mulher que se sente protegida em casa e que usa roupas consideradas adequadas, ou seja, que estão dentro dos padrões estabelecidos pelo patriarcado.

Nesse contexto, é válido recorrer a Beauvoir (1980, p.11) para compreender que a mulher é subordinada a um centro masculino, já que o homem nunca precisará se definir como homem. Como macho, diferentemente da mulher, ocupa um lugar confortável, reinando sem questionamentos. De acordo com a autora, “um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada” (p. 12), portanto, o homem é o centro da sociedade patriarcal e, assim sendo, estabelece os padrões a serem “obedecidos” pelas mulheres.

Outro ponto a destacar na parte visual desse post é a pia com muitos copos de vidros, panelas grandes com marcas aparentes de gordura e pilhas de pratos, que dão a entender que muitas pessoas fizeram a refeição. No entanto, com toda essa tarefa, a mulher é apresentada com um semblante sereno, não aparentando estresse.

O discurso do locutor relaciona o fato de que a mulher que está dentro de casa, ocupada com os afazeres domésticos, não corre o risco de ser estuprada. Essa relação de tom preconceituoso do locutor, cuja entonação “é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 123)”, que deprecia e inferioriza a mulher, sugere que aquela que está na rua, ocupando-se com outros afazeres, pode ser estuprada.

No enunciado “*ninguém é estuprada em casa lavando a louça*”, acentua-se, também, a legitimação da cultura do estupro. Nesse enunciado, o subentendido, que é “o horizonte espacial e semântico comum dos falantes” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 119), se estabelece uma vez que quem está em casa não é estuprada, então, há lugares em que o estupro é possível e justificado. Segundo o locutor do discurso da postagem, a casa é o refúgio da mulher, sendo que ela está cuidando dos filhos e servindo a família, protegida pelas paredes do lar, por uma (pre)suposta figura masculina que pode ser inferida como marido, já que na sociedade o casamento de uma mulher com um homem é algo esperado, idealizado e normatizado.

A mulher que está fora dos limites do ambiente doméstico corre o risco de ser estuprada e, caso esteja usando roupas inadequadas fora de casa, isso justificaria o estupro. Nessa visão, a mulher não tem o direito ao respeito de seu corpo, à escolha de sua roupa, à sua liberdade de sair para de se divertir, estudar, trabalhar e, também, não tem direito à sua individualidade.

Dessa forma “[...] a orientação da entonação para possível consentimento ou um possível apoio do coro ainda não exaure a sua natureza social. Ela é apenas um lado da entonação, o lado voltado para o ouvinte, porém dotado de um aspecto extremamente importante para a sociologia da palavra” (VOLOCHINOV, 2019, p. 124). Os interlocutores dão coro de apoio ao discurso do locutor da postagem analisada, pois estão de acordo que uma mulher segura é aquela que está dentro de casa.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência sexual é definida como

todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho (ONU BRASIL, 2018).

Na Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, art. 7º, inciso III, a violência sexual é a terceira forma de violência doméstica e familiar apresentada, conforme o texto a seguir:

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

Toda mulher que é forçada a fazer sexo, assediada, que é inconscientemente abusada é vítima de violência sexual. O corpo da mulher é visto como um objeto pelo agressor, um objeto que lhe pertence e que ele pode abusar quando quiser. Segundo Juliana Martins, coordenadora institucional do FBSP, “o agressor acredita que tem o direito de abusar porque é mulher dele, que tem o direito de controlar (...) e, muitas vezes, a mulher acha que o seu papel é obedecer e agradar esse homem”.

Pode-se dizer que violência sexual é uma questão de gênero, que se dá por causa dos papéis de homem e mulher por razão social e cultural em que o homem é considerado o dominador. Nesse sentido, há uma naturalização da violência sexual, em que a mulher deve permanecer em casa, “servindo” o agressor porque essa é uma “função da mulher.

No discurso apresentado na Lei Maria da Penha, a compreensão responsiva pode ser observada a partir do enunciado violência sexual, já que “toda compreensão responde, isto é, traduz o compreendido em um novo contexto, ou seja, em um contexto de uma possível resposta” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 178). Os tipos de violência sexual, expressos no inciso III,

estabelecem um novo contexto para essa violência, uma vez que não trata somente do ato sexual, mas também de outras ações discriminatórias, como o constrangimento de presenciar uma relação sexual indesejada, a indução ao comércio ou à utilização de sua sexualidade, bem como ao impedimento de a vítima usar métodos contraceptivos, entre outros.

A culpabilização da mulher está cristalizada na sociedade que refrata a ideia de que a mulher que sofre violência sexual é responsável direta pelo o que lhe aconteceu. “A cultura do estupro se estabelece a partir da aceitação do estupro como punição social e ideias de que lugar de mulher é longe de lugares públicos ainda são frequentes” (KOLLONTAI, 2016). Nos discursos que banalizam o estupro, percebe-se a misoginia, que culpabiliza as vítimas de violência sexual e inocenta os agressores.

Assim sendo, no discurso, sempre se estabelece o que se fala e para quem se fala. Há uma projeção do interlocutor, o destinatário idealizado. Na postagem em análise, pode-se considerar o destinatário como os seguidores da referida comunidade, mas, há, também, os supradestinatários, ou seja, as outras pessoas a quem esse discurso atinge além dos destinatários projetados, no caso, as mulheres que discordam do conteúdo postado.

O interlocutor do discurso de tom machista dessa postagem é aquele que interage com o locutor, concordando ou discordando de seu discurso. O coro de apoio a esse discurso será dado pelo interlocutor que acredita que é normal que a mulher permaneça em casa, que ela use roupas que não mostrem o seu corpo, que o principal objetivo dela seja o cuidado com a família e a casa e que, assim sendo, não estará exposta às ameaças do mundo exterior ao ambiente familiar.

Em contraponto, há o interlocutor que refuta o discurso de tom machista do locutor da postagem analisada. Esse interlocutor acredita que a mulher pode cuidar da casa e dos filhos e que, além dessas tarefas, ela também pode e deve trabalhar, estudar, ir à academia, sair para se divertir, ou seja, o ambiente doméstico não deve ser o único espaço da mulher, pois, dessa forma, ela é privada de sua liberdade, é impedida de vivenciar sua individualidade.

Essa imagem da mulher que deve estar em casa, ocupando-se com o trabalho doméstico, é um discurso muito comum nas redes sociais, ou seja, a recorrente ideia de que a mulher foi feita para servir. Considerar a casa como um refúgio contra o estupro é pensar que as mulheres que trabalham, estudam e têm uma rotina longe de sua casa não estariam correndo perigo se estivessem em casa. O que se pode ver pelo signo ideológico “casa” é que ele se desdobra em duas refrações possíveis: a questão de a mulher estar ligada a um ambiente seguro, sem risco de assédio, e onde ela deve estar, e, também, a questão de o homem estar ligado à rua... lugar de libertinagem (permitida ao homem), de assédio e onde ele pode estar. Esse segundo lugar

não é permitido à mulher, pois, conforme o locutor do discurso ora analisado, lugar de mulher é em casa.

Nesse discurso de tom machista percebe-se que enquanto a mulher deve permanecer em casa, ocupada com os afazeres domésticos, o homem tem a liberdade para trabalhar, estudar, sair livremente a qualquer hora, porque isso é considerado normal na sociedade. “Toda compreensão é, em maior ou menor grau, prenhe de reação responsiva quer em palavras, quer em ação. [...] É justamente nessa compreensão ativa e responsiva que se fixa o discurso do falante [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 122). Portanto, essa é a visão dos comentários que dão coro de apoio ao discurso do locutor dessa postagem, isto é, o que é normal para o homem, é condenado para a mulher.

Assim sendo, o enunciado “ninguém é estuprada lavando louça em casa” carrega em si toda a carga de intolerância contra a mulher. Primeiramente, a mulher “do lar” é a “recatada”, aquela cuja prioridade é a casa, portanto, não tem interesse em trabalhar fora. Outro ponto é o tom machista explícito nesse enunciado, o qual menospreza a mulher, como se ela servisse somente para cuidar da casa.

Na relação do locutor e a mulher, vítima da intolerância, percebe-se que há uma predominância de exotopia do locutor sobre a mulher, ou seja, ele a vê distanciadamente, apenas de um lado, não a vê em seu todo, pois não tem empatia o suficiente para conhecê-la “integralmente”. O discurso do locutor e do interlocutor precisa um do outro. Nessa interdependência é que estabelecem uma compreensão dialógica e responsiva, pois, segundo Di Fanti (2015, p. 421),

Cada um, ocupando singularmente um lugar num tempo definido, pode ver no outro o que ele sozinho não consegue ver, pois são diferenciados horizontes de valor. Percebe-se assim uma relação de interdependência entre o eu e o outro, necessária para a constituição do sujeito, do discurso e do sentido.

Os tons valorativos que compõem o enunciado indicam os estereótipos de uma cultura machista e sexista, na qual a mulher é oprimida. Nota-se que o conteúdo dessa postagem é de cunho desrespeitoso em relação às mulheres. Há, claramente, uma discriminação de gênero, no qual a mulher sempre é desfavorecida. O locutor e seu coro de apoio (interlocutores) “acreditam em suas ideias, pois todos os campos da ideologia usam a língua, mas cada um a seu modo” (BAKHTIN, 2016, p. 139), o que remete à recorrente refração de que mulher serve para ser “do lar”.

No enunciado verbo-visual em foco, a ideia é de que a mulher deve estar em casa, nas lidas domésticas, pois, assim, estará livre do perigo de ser estuprada. Cabe salientar que os casos

de violência doméstica também iniciam nesse mesmo lar, no qual a mulher, segundo o discurso ora analisado, estaria “protegida”.

Na próxima seção, analisa-se um anúncio de produtos de limpeza postado na rede social Twitter.

3.2 TWITTER

Figura 8 – Mr. Músculo²⁴



Fonte: Perfil Mr. Músculo, 28/01/2015.

Para a escolha da postagem da rede social Twitter, com o objetivo de analisar o discurso machista que circula nas redes sociais, foram considerados os mesmos critérios adotados para a seleção das postagens anteriores: a) pesquisa nas redes sociais dos termos “machismo” e “machista” em comunidades ou perfis brasileiros; b) postagens cuja temática fosse a desqualificação da mulher a partir do uso de tons depreciativos a sua imagem.

A postagem escolhida pertence ao perfil da marca de produtos de limpeza “Mr. Músculo”, sendo publicada no dia 28 de janeiro de 2015, na rede social mencionada.

²⁴ Disponível em <https://wunderdigital.com.br/midias-sociais/mr-musculo-machista-always-twitter> Acesso em 25 mai. 2019.

O conteúdo das postagens desse perfil, criado em julho de 2014, versa sobre a linha de produtos de limpeza. A interação entre locutores e interlocutores no Twitter se estabelece pelas seguintes possibilidades: comentar, retweetar, curtir e compartilhar um twitte. Assim como a postagem do Facebook analisada, a postagem veiculada no Twitter também apresenta discursos visuais ou verbo-visuais, ou seja, utilizam a linguagem verbal e não verbal. Os elementos apresentados nessa postagem são verbo-visuais e o discurso do locutor também se apresenta em forma de enunciados. A principal diferença entre Twitter e Facebook é que o primeiro é uma rede social com posts pequenos, de até 140 caracteres.

O contexto da publicação em foco apresenta uma mulher como uma dona de casa dedicada, que mantém o ambiente limpo e que, somente depois, quando sobrar tempo, ela pode começar a pensar em si mesma. A prioridade deve ser a manutenção do lar limpo, pois seus “projetinhos” pessoais devem ficar em segundo plano.

Na parte visual, o anúncio apresenta uma mulher branca, sentada no chão com as pernas tramadas, com uma mão no queixo e outra segurando uma xícara, magra, cabelos presos, aparência serena, tranquila, elegante, sonhadora, bonita para os padrões hegemônicos, veste uma camisa e uma calça claras. A casa aparenta estar limpa e há produtos de limpeza no anúncio.

A imagem de mulher dona de casa, com ar sonhador, cumprindo as suas tarefas domésticas, para, depois, planejar sua vida pessoal, é de uma mulher branca, assim como a apresentada na imagem do discurso analisado do Facebook. Dessa forma, há uma refração que reforça o estereótipo da mulher negra, que, poucas vezes, aparece como a dona de casa em anúncios publicitários, mas como a empregada doméstica.

Numa sociedade como a brasileira, segundo Ribeiro (2017, p. 86), as pessoas negras experimentarão racismo do lugar de fala de quem é o objeto da opressão, do lugar que restringe oportunidades devido a esse sistema opressor. Consequentemente, a sociedade de padrões preconceituosos estabelece a mulher branca com cabelos lisos como padrão de beleza em detrimento de uma mulher negra com cabelos crespos.

Na época de sua publicação, em 2015, essa campanha foi denominada de “Hora do descanso” e teve muita repercussão em blogs e sites. Segundo os internautas, com essa campanha, a empresa insinuava que as mulheres deveriam se preocupar, primeiramente, com as tarefas domésticas para, somente depois de cumpri-las, planejar suas vidas pessoais.

Nesse sentido, para a compreensão dos efeitos de sentido produzidos por esse enunciado, é necessário considerar a sua condição de produção. O projeto da marca, em seu post, era o de mostrar que o produto ajudaria a mulher a terminar seu trabalho mais rápido e,

então, poderia “começar aquele projetinho que vc tanto sonhou”, porém, o efeito foi outro.

Na parte verbal, observa-se a palavra “casa”, que, como signo ideológico, reflete e refrata valorações diferentes: reflete a moradia e refrata o compromisso da mulher a partir de uma visão conservadora. Nesse sentido, “[...] a mudança da significação sempre é uma reavaliação: a transferência da palavra de um contexto valorativo para outro. A palavra ou é elevada a uma potência superior, ou seja, é degradada a uma inferior” (VOLÓCHINOV, 2019, p.237).

As palavras “limpinha” e “projetinho”, no diminutivo, revelam tons avaliativos que ligam a casa à mulher, isto é, a limpeza da casa à individualidade da mulher. Na sociedade atual, um projeto pessoal envolve questões que se relacionam com a sua individualidade, como estudar, trabalhar, cuidar de sua saúde, porém, assim como o discurso ora analisado, a mulher é sempre vista como mãe, dona de casa e esposa antes de ser mulher. Destaca-se, ainda, nessa relação, a questão temporal no discurso: antes, a mulher deve limpar a casa e, depois, pensar em si. Na parte verbal e visual, essas dimensões são indissociáveis, como o próprio olhar sonhador da mulher e o “sonhou” do enunciado, também o ar da mulher de dever cumprido com a “casa limpinha”.

Ao priorizar a limpeza da casa em relação à vida pessoal da mulher, o locutor vale-se mais uma vez do estereótipo da mulher “do lar”, aquela que tem dedicação exclusiva à casa. Esse discurso ainda se perpetua, pois é perpassado por vozes que comungam com a ideia de que o homem que trabalha fora tem motivos para se sentir cansado, mas a mulher, que “só fica em casa”, em uma incessante jornada de afazeres domésticos, reclama de cansaço sem razão.

Outro ponto a destacar nesse discurso carregado de preconceito é o menosprezo pela capacidade da mulher, pois ela somente poderá pensar em si após cumprir com sua “obrigação” de dona de casa. O locutor percebe a mulher como alguém cujos objetivos não são importantes a ponto de serem priorizados em relação à limpeza da casa.

Esse menosprezo é valorado pelos diminutivos “limpinha” e “projetinho” no discurso ora analisado. No enunciado “[...] a casa está limpinha”, o uso do diminutivo “limpinha” apresenta a refração de que o serviço de limpar a casa, cuja responsabilidade, na visão desse locutor, é da mulher, é algo fácil, que não requer esforço, por isso, a mulher tem habilidade para fazê-lo. A palavra, conforme Volóchinov (2017, p. 181), ao ser compreendida, “nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano”. Assim, a palavra “limpinha” expressa valorativamente o cruzamento de vozes que não valoriza o trabalho da mulher como dona de casa, não deixando de ressoar a invisibilidade do trabalho do lar e o seu não reconhecimento

social.

No enunciado “projecinho pessoal”, há uma entonação valorativa voltada para desmerecer o projeto pessoal da mulher, como sendo irrelevante, já que cuidar da casa é mais importante. “A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181), o que pode ser observado em “projecinho pessoal”, que está carregado de ideologia e significação, pois mostra uma depreciação em relação à mulher, característica do discurso machista.

Para que esse enunciado tenha sido proferido, outros foram ditos anteriormente, conferindo o caráter dialógico do enunciado. Desta forma, ressoam no discurso em análise vozes relativas à mulher “recatada e do lar”, próprias de discursos machistas, para quem a mulher de valor é a que está ocupada em servir os outros para, depois, se tiver tempo, pensar sobre os seus objetivos pessoais.

Há uma entonação valorativa, também, no enunciado “músculos à obra!” do anúncio publicitário. Na visão do locutor, a mulher passaria a usar os músculos somente para começar o seu projeto pessoal. Para a limpeza da casa, portanto, ela não teria usado os músculos, pois o produto “Mr. Músculo” a teria ajudado. Mais uma vez, a capacidade da mulher é desconsiderada.

O nome do produto, “Mr. Músculo”, associa-se diretamente ao masculino. O produto é todo figurativo como um homem musculoso que resolve todos os problemas de casa. A força e o músculo são atributos ligados ao homem. Nesse sentido, a mulher é auxiliada por esse produto, representado pela força masculina, pois, na visão do locutor, é incapaz de realizar essa tarefa sem a ajuda do produto.

Na próxima seção, analisa-se uma postagem em perfil da rede social Instagram.

3.3 INSTAGRAM

Figura 9 – Machista Sincero²⁵

Fonte: Perfil *Machista Sincero*, 22/06/2019.

A postagem ora analisada pertence ao perfil Machista Sincero da rede social Instagram e foi publicada em 22 de junho de 2019. Nesse contexto, para analisar o discurso de visão machista que circula nas redes sociais, a partir da pesquisa dos termos “machismo” e “machista”, na rede social Instagram, foi escolhida uma postagem para este estudo.

As postagens na rede social Instagram apresentam discursos visuais ou verbo-visuais, isto é, utilizam a linguagem verbal e não verbal. Na postagem selecionada, há uma conjunção de enunciados verbais e visuais que formam um todo discursivo e privilegiam a interação social.

A situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado. [...] De fato, não importa qual enunciado considerarmos: [...] concluiremos que sua orientação é inteiramente social. Antes de mais nada, ele é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado, tanto os imediatos, quanto os distantes, e em relação a uma situação determinada: isto é, a situação forma o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro [...] (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206).

Na parte visual, o enunciado apresenta fotos da jogadora Marta e do jogador Neymar. Ambos estão vestindo a camisa da Seleção Brasileira de Futebol. Os semblantes dos dois jogadores são bem diferentes: a jogadora está tensa e o jogador está sorrindo.

²⁵ Disponível em https://www.instagram.com/machista_sincero/?hl=pt-br Acesso em 19 jun. 2019.

O contexto da publicação versa sobre o uso da camisa verde e amarela pela seleção brasileira feminina de futebol, na qual constam as cinco estrelas alusivas aos cinco campeonatos mundiais conquistados pela seleção masculina. Desde que o uniforme da seleção feminina foi divulgado, devido à sua participação na Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019, na França, a polêmica se instaurou nas redes sociais. Na postagem, aparecem a jogadora Marta, da seleção brasileira feminina, e o jogador Neymar, da seleção masculina de futebol.

Na parte verbal, é publicado o seguinte enunciado *“Acho super errado as meninas usarem a camisa com as 5 estrelas sendo que ganhou as copas foram os homens. As mulheres só nos envergonham com esse futebolzinho de quinta, não é atoa que nunca ganharam nada e não há renovação nessa selemerda tanto que a Formiga tem 41 anos kkkkkkkk ou seja só tem a piorar pq além da Marta e Cristiane que já são velhas não tem mais ninguém de destaque nessa seleçãozinha. Mulher deveria voltar pro seu habitat natural que é lavar passar e cozinhar.”*²⁶

Para o locutor dessa postagem, no enunciado **“ACHO SUPER ERRADO AS MENINAS USAREM A CAMISA COM AS 5 ESTRELAS SENDO QUE GANHOU AS COPAS FORAM OS HOMENS [...]”**, a mulher não é merecedora de vestir a camiseta da seleção brasileira, porque não conquistou nenhuma das cinco estrelas referentes aos títulos mundiais pela seleção masculina. Há, no enunciado, avaliações depreciativas, que orientam para o fato de a mulher ser digna de vergonha, já que, até o momento, a seleção feminina não ganhou nenhum título mundial. Também se observa, pela entonação expressiva, o posicionamento do locutor que se mostra insatisfeito com o futebol feminino, considerado inferior ao masculino.

Esse tom de insatisfação e de acusação vai se agravando no desenvolvimento do enunciado. Em **“[...] AS MULHERES SÓ NOS ENVERGONHAM COM ESSE FUTEBOLZINHO DE QUINTA, NÃO É ATOA QUE NUNCA GANHARAM NADA [...]”**, as escolhas lexicais, como “envergonham” e o uso do diminutivo na palavra “futebolzinho”, acrescido “de quinta”, enfatizam a perspectiva avaliativa de desaprovação do locutor em relação à seleção brasileira feminina de futebol.

Essa refração negativa em relação à seleção feminina de futebol dialoga com o coro de apoio que deprecia o futebol feminino, uma vez que o futebol masculino tem mais tradição e títulos. Cabe ressaltar que a estrutura do futebol masculino e do feminino são muito diferentes: os campeonatos de futebol masculino, sejam eles regionais, nacionais ou internacionais são

²⁶ A transcrição foi fiel ao post, mantendo as particularidades da linguagem usada na rede social.

amplamente transmitidos pela TV aberta e demais mídias, o que acarreta amplo investimento de patrocinadores nas equipes e para os jogadores.

Esse não é o cenário do futebol feminino, que ainda não tem a mesma tradição no Brasil como em outros países, o que, por consequência, motiva as melhores jogadoras a exercerem sua atividade no exterior. Os torneios de futebol feminino no Brasil são muito recentes se comparados com os do futebol masculino e, portanto, não têm o mesmo aporte financeiro. Poucas são as mídias que transmitem os jogos, prova disso foi a copa do mundo de futebol feminino de 2019 que, pela primeira vez, foi transmitida por duas emissoras de TV aberta no Brasil. Em contraponto, a copa do mundo de futebol masculino é transmitida ininterruptamente na TV aberta desde 1970 e no rádio desde a copa de 1938.

Na mesma postagem, o tom preconceituoso pode ser observado em: “[...] E NÃO HÁ RENOVAÇÃO NESSA SELEMERDA TANTO QUE A FORMIGA TEM 41 ANOS KKKKKKKKKK OU SEJA SÓ TEM A PIORAR PQ ALÉM DA MARTA E CRISTIANE QUE JÁ SÃO VELHAS NÃO TEM MAIS NINGUÉM DE DESTAQUE NESSA SELEÇAOZINHA. [...]”. Nesse enunciado, o locutor utiliza a junção de duas palavras – “seleção” e “merda” – que resulta em “selemerda” de modo a valorar de modo depreciativo a seleção feminina. O signo “merda”, acrescentado na composição lexical, refrata e potencializa a visão pejorativa desse locutor em relação à seleção feminina de futebol.

O tom avaliativo de menosprezo em relação à seleção feminina é acentuado pela expressão “KKKKKKKK”, que significa risos nos diálogos da internet, ao referir-se à idade (41 anos) da jogadora Formiga. Tal recurso assinala o preconceito em relação à idade, seja no caso da Formiga, seja no caso das jogadoras Marta e Cristiane, citadas logo em seguida, como atletas que “já são velhas”. A força valorativa do enunciado recai sobre o envelhecimento das atletas de destaque e a designação da equipe como “selemerda” e “seleçãozinha”. Como no uso de “futebolzinho de quinta”, já referido, e na postagem do Twitter, o uso do diminutivo na palavra “seleçãozinha” contribui para a carga depreciativa atribuída, no caso em foco, à seleção feminina.

Assim como nas postagens do Facebook e Twitter, a habitual concepção de que a “[...] MULHER DEVERIA VOLTAR PARA SEU HABITAT NATURAL QUE É LIMPAR, PASSAR E COZINHAR”, finaliza o enunciado do Instagram. Para esse locutor, atravessado por vozes machistas, a mulher não tem aptidão ou talento para ser jogadora de futebol, mas somente para o ambiente doméstico. Em termos biológicos, um habitat natural²⁷ é o ambiente

²⁷ MUNDO ECOLOGIA. *O que é habitat natural?* Disponível em <https://www.mundoecologia.com.br/natureza/o-que-e-habitat-natural/> Acesso em: 02 dez. 2020.

natural ou físico onde uma espécie vive, e esse termo, ao ser utilizado pelo locutor desse discurso, refrata a ideia de que é natural que a mulher faça parte do ambiente doméstico, realizando tarefas como limpar, passar e cozinhar. Os tons avaliativos do enunciado são reiterados, assim, a partir do uso da palavra “natural”, em “habitat natural”, que orientam para a naturalização de lugares. Por um lado, o lugar da mulher, que potencializa o sistema opressor patriarcal. Por outro, o lugar do homem, que é visto pelo prisma da liberdade, da aventura, da rua, do jogo. O futebol, desse modo, não é considerado, pelo locutor, um ambiente natural para as mulheres, uma vez que seria, em sua visão, um esporte em que os homens têm mais aptidão para praticá-lo, portanto, não sendo natural uma mulher ser jogadora de futebol.

A finalização da postagem, como se observa, põe em relação de confronto os lugares do homem e da mulher, pressupostos pelo contexto extraverbal. Conforme Charaudeau (2013, p. 59), “a situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação.” Logo, para o discurso de tom machista analisado, a função da mulher, de lavar, passar e cozinhar, busca um coro de apoio que considera esse o habitat natural da mulher.

A comunicação na internet possui, segundo Barros (2014, p. 04), entre outros traços, a potencialização da mensagem e o alargamento da comunicação. Qualquer postagem pode “provocar ondas enormes de preconceito e intolerância, verdadeiros tsunamis.” De forma explícita, em seu perfil ou comunidade, ou implícita, por meio de perfis fakes (falsos), o locutor das redes sociais expressa a sua opinião de forma clara, não deixando dúvidas sobre o seu posicionamento.

Nesse sentido, o dialogismo, que pressupõe o diálogo entre discursos, pode ser observado pelo encontro com outras vozes. Nas redes sociais, o diálogo com discursos passados e a projeção a futuros, entra em tensão com os interlocutores, seja em relação aos que refutam o ponto de vista apresentado, seja em relação aos que concordam com a posição assumida. Os enunciados em análise reverberam tons machistas que polemizam com discursos feministas e democráticos.

[...] Ao falar do discurso do outro, não podemos deixar de ocupar alguma posição dialógica em relação a ele, concordar e discordar dele, assumir diante dele uma posição polêmica, irônica, apresentá-la como uma posição verdadeira, de autoridade duvidosa etc. Desse modo, existe neste caso uma relação de caráter dialógico com o discurso do outro (BAKHTIN, 2016, p. 147).

Pode-se entender que os interlocutores que refutam a postagem em análise entendem que a mulher tem liberdade para ser e estar onde quiser, por isso o fato de ser jogadora de

futebol e não ter vencido ainda uma Copa do Mundo não seria impeditivo para o uso da camisa da Seleção Brasileira com as cinco estrelas do mundial. O coro de apoio desse discurso é constituído por interlocutores que não concordam com o fato de a Seleção Brasileira Feminina de Futebol vestir a mesma camisa da Seleção Brasileira Masculina, uma vez que as jogadoras ainda não ganharam nenhum título mundial.

A camisa da seleção brasileira é um signo ideológico, o que remete à compreensão de que “tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.31). Para os apaixonados por futebol, a camisa verde e amarela é quase um cartão de visitas, pois, devido às conquistas dos campeonatos mundiais, ela é equivalente ao respeito, às vitórias, ao bom futebol e aos jogadores talentosos (ou craques), motivo de orgulho e de o brasileiro mostrar o seu diferencial perante outros países.

Assim sendo, para o locutor da postagem em análise, as mulheres não estão à altura de vestirem essa camisa, que representa as conquistas de um esporte que, até bem pouco tempo, era um “privilegio” masculino. Os símbolos apresentados nessa postagem foram o jogador Neymar, da seleção masculina, e a jogadora Marta, da seleção feminina, dois atletas reconhecidos por serem excelentes atletas. Na constituição das imagens, Neymar aparece sorrindo enquanto Marta mostra-se com uma expressão mais tensa, o que remete ao tom preconceituoso contra a mulher, presente na escolha da foto, no caso a desqualificação da jogadora.

Essa desqualificação também se associa ao fato de ambos os atletas serem de origem negra, mas essa escolha marca, mais uma vez, o estigma da mulher negra que, em uma sociedade retrógrada, está em posição de inferioridade ao homem também negro. “Ao promover uma multiplicidade de vozes, o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal.” (RIBEIRO, 2017, p. 70). Ainda que se apresentem dois atletas negros reconhecidos mundialmente por seu talento, no discurso verbo-visual a mulher negra é estigmatizada tanto na faceta verbal quanto na visual.

Para a autora Grada Kilomba (2017 apud RIBEIRO, 2017, p. 38), as mulheres negras são o *Outro do Outro*, por não terem reciprocidade do olhar do homem. Em uma relação com a visão de Simone de Beauvoir, a autora francesa reconhece a mulher como *Outro*, pois ela é vista como um objeto, algo que possui uma função, impedindo, assim, de ser um ser “para si”.

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. (RIBEIRO, 2017, p. 38)

Nesse debate, Kilomba (2017) afirma que as mulheres negras, por não serem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade de supremacia branca por representarem a antítese de branquitude e de masculinidade. Assim sendo, as mulheres brancas teriam um *status* oscilante, porque são mulheres, mas são brancas e os homens negros, pois esses são negros, mas homens (RIBEIRO, 2017, p. 39). Nessa relação, as mulheres negras não são brancas e nem são homens, por isso são o *Outro do Outro*.

Ainda que a jogadora da seleção feminina de futebol tenha disso considerada seis vezes como a melhor jogadora do mundo de futebol, sua imagem, nessa postagem, foi marcada com um círculo ao redor das estrelas dos campeonatos mundiais masculinos, ou seja, nenhuma dessas estrelas foi conquistada pela seleção da qual Marta faz parte. O referido círculo, na cor preta, é uma marca valorativa, que faz emergir o tom de denúncia do locutor, parecendo apresentar a jogadora Marta como uma “fraude”.

O discurso intolerante, com tom machista, então, desconsidera as qualidades da mulher, desqualificando-a. Numa posição superior, a visão do locutor é a de que a mulher não tem aptidão, qualificação ou capacidade para desempenhar determinada função ou papel na sociedade. A jogadora Marta, no entanto, é a recordista de gols em copas do mundo de futebol entre homens e mulheres e nem mesmo sua trajetória e resultados foram respeitados. Suas conquistas são consideradas menores, sem tanta relevância quanto as masculinas.

As palavras utilizadas no discurso analisado engendram-se numa construção social que carregam dizeres coletivos e ideológicos. Todas as crenças e valores da nossa sociedade são transmitidos pela palavra.

Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga eu ao outro (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

Assim sendo, o discurso de tom machista carrega consigo toda a carga de preconceito e intolerância contra a mulher, representativo de parcela da sociedade que acredita na superioridade masculina. Para eles, a mulher é somente capaz para servir, procriar e ouvir, já que, muitas vezes, são interrompidas quando estão falando, pois o que dizem não é considerado importante...

O discurso ora analisado se apresenta em forma de enunciados, que são unidades da comunicação discursiva. “[...] O ato discursivo, ou mais precisamente seu produto – o enunciado – de modo algum pode ser reconhecido como um fenômeno individual no sentido

exato dessa palavra, [...]. O enunciado é de natureza social.” (VOLÓCHINOV, 2017, 200). Por conseguinte, o locutor do discurso machista dialoga com o seu interlocutor, pois o projeta, sabe quem concorda ou discorda de suas posições, carregadas de valoração social.

Não é somente o locutor que discorda do fato de a seleção feminina usar as estrelas que simbolizam as conquistas da seleção masculina em seu uniforme, já que essa polêmica se multiplicou nas redes sociais. Assim sendo, outras vozes também concordam e replicam o discurso de tom machista, em um coro de apoio que potencializa também a discriminação da mulher negra, em especial aquela que ocupa um lugar de destaque no exercício de sua função. Para usar as palavras de Ribeiro (2018, p. 58): “uma mulher negra no poder incomoda muita gente”.

Na próxima seção, é apresentada uma discussão dialógica entre as três análises efetuadas nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram.

3.4 DISCUSSÃO DIALÓGICA ENTRE AS TRÊS ANÁLISES EFETUADAS EM DIFERENTES REDES SOCIAIS

As três postagens que compõem esta pesquisa pertencem às redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e foram publicadas, respectivamente, nos anos de 2014, 2015 e 2019. A postagem do Facebook refere-se à comunidade *Prints Machistas*; a do Twitter é um anúncio do perfil da marca de produtos de limpeza *Mr. Músculos*; e, finalmente, a do Instagram é uma postagem do perfil *Machista_Sincero*.

Nas três postagens, na parte visual, as mulheres são retratadas da seguinte forma. As duas primeiras projetam mulheres brancas, com roupas correspondentes às lidas domésticas, uma com avental e proteção na cabeça e outra com calça arremangada e camisa azul claro. Os semblantes são serenos, refratando a ideia da mulher feliz em seu papel de dona do lar, que prioriza a limpeza da casa. A terceira postagem exhibe uma mulher negra, a jogadora de futebol Marta (Marta Vieira da Silva), vestindo a camisa da seleção brasileira de futebol feminino; seu semblante é tenso em relação ao que seria a expectativa do início de uma partida de futebol.

Cada uma das redes sociais analisadas tem a sua própria arquitetura, e a interação dentro delas ocorre de uma forma muito particular. Curtir e comentar são, por exemplo, possibilidades de interação presentes nas três redes sociais. Os usuários das redes sociais Twitter e Facebook podem compartilhar suas postagens.

Com a reflexão desenvolvida, nesta seção, responde-se às perguntas que norteiam esta pesquisa. Começamos com duas perguntas que são respondidas ao longo da discussão: Como

são construídos os discursos intolerantes contra a mulher nas redes sociais? e Como os tons intolerantes se engendram nos enunciados e desqualificam a mulher?

As três postagens analisadas versam sobre o mesmo tópico: a discriminação da mulher. Tal discriminação, no entanto, se particulariza em cada enunciado verbo-visual, fazendo emergir temas únicos via acentos de valor. No Facebook, o tema está associado à cultura do estupro, em que a mulher não tem direito de transitar na rua, espaço em que o estupro é legitimado, mas sim de voltar-se para as tarefas do lar, vestindo roupas adequadas. No Twitter, o tema refere-se à prioridade dada aos cuidados da casa em detrimento à vida pessoal da mulher. No Instagram, o tema é a discriminação da mulher no futebol, com ênfase na mulher negra.

No conjunto dos enunciados analisados, aparecem fotografias de mulheres que, no engendramento das verbo-visualidades, apresentam acentos valorativos que orientam para a construção do discurso intolerante. Tanto no post do Facebook quanto no do Twitter, a mulher representada imagetivamente é branca e magra e reitera os padrões de beleza ditados pela sociedade patriarcal. Já no Instagram, a jogadora de futebol Marta é negra e foge aos padrões de beleza prescritos pelos padrões hegemônicos.

Nas duas primeiras postagens, as mulheres “belas” são atreladas aos afazeres domésticos: lavar a louça e limpar a casa. Na última postagem, a mulher é uma profissional, jogadora de futebol, que atua numa área predominantemente masculina. Tais acentos de valor apontam para as posições assumidas pelo locutor, que valoriza a mulher submissa ao lar e aos padrões tradicionais da sociedade e reprova a mulher que trabalha em considerados domínios masculinos.

Também se destacam como signo ideológico as vestimentas de cada mulher. Na postagem do Facebook, a mulher está com um uniforme de empregada doméstica; no Twitter, a mulher está vestida discretamente de calça e camisa; e, no Instagram, a mulher veste a camisa da seleção brasileira de futebol. Essa observação também entra em diálogo com a questão de “vestir a camisa” em dois pontos: (i) usar a camiseta da seleção como Neymar (é a única foto, das três analisadas, em que aparece outra pessoa, no caso um homem, reconhecido pelo talento no futebol) e (ii) “vestir a camisa” no sentido de se engajar no trabalho, que seria uma qualidade “natural” dos homens no futebol e não das mulheres.

As expressões faciais das mulheres não só refletem a imagem de cada rosto, mas também refratam a valoração atribuída pelo locutor ao seu discurso: a serenidade de quem está lavando louça em casa; o olhar distante, sonhador, de quem, depois de ter limpado toda a casa, pode começar a pensar em seu futuro; a tensão de uma profissional do futebol, que não teria (para o locutor) aptidão para a função. Essas valorações refratam a visão patriarcal do locutor

do discurso, uma vez que, na sua ótica, a mulher sente-se feliz ao realizar o trabalho doméstico, que deve ser prioridade em relação aos seus projetos pessoais. Em contraponto, a mulher que trabalha fora de casa, principalmente em uma profissão que, segundo o locutor, é masculina, não teria a mesma competência que o homem para exercê-la.

Nas três postagens, a questão da casa aparece, de modo mais ou menos aparente. No Facebook, a segurança da mulher é associada aos afazeres domésticos da casa, já que na rua pode ser estuprada. No Twitter, o cuidado com a casa é uma alavanca para a mulher passar a cuidar de si própria. No Instagram, a questão de casa aparece de modo subentendido, quando se considera que a “mulher [jogadora de futebol] deveria voltar para seu habitat natural que é limpar, passar e cozinhar”. Em outras palavras, em todos os posts, as mulheres são associadas aos afazeres domésticos como algo naturalizado, algo que faz parte de sua constituição e, portanto, é o esperado. Transitar em outros espaços, conforme os tons intolerantes denunciam, não é aconselhável para uma mulher “direita”, “sonhadora” e “jovem”.

Assim sendo, a partir da visão do locutor em relação à mulher, emerge, nesses discursos, a imagem da mulher dona de casa, da esposa obediente ao marido, da rainha do lar e de mãe zelosa. Quanto à vinculação da mulher ao lar, Beauvoir (1980, p. 218) explica que “O ideal da felicidade sempre se materializou na casa, na choupana, ou no castelo [...]”. Tal perspectiva, associada às postagens analisadas, aponta para a refração de que uma mulher que permanece ocupada em casa com a lidas domésticas, e que prioriza isso, é uma mulher feliz, enquanto que aquela que trabalha fora e exerce uma atividade da esfera masculina, segundo a visão desses locutores, é uma mulher que corre riscos e não é apta para desempenhar sua profissão.

Os discursos intolerantes, nas redes sociais focalizadas, se constituem por diferentes acentos valorativos, tons intolerantes, que, entremeados nos enunciados verbo-visuais, marcam a posição preconceituosa do locutor diante da mulher. Há um entrecruzamento de vozes nos discursos que apontam, por um lado, para a discriminação da mulher na sociedade e, por outro, para a punição de quem não se adequar aos padrões conservadores vigentes. Se sair de casa, será estuprada, no primeiro post; se não cuidar da casa, não terá tranquilidade para cuidar de si, no segundo; se não for jovem e branca, não poderá ser bem sucedida no futebol, no terceiro.

Como se pode observar, o preconceito e a discriminação aparecem na tessitura verbo-visual dos enunciados, não se limitando a palavras ou expressões representativas da intolerância. López-Muñoz e Capponi (2017) discorrem sobre essa questão ao apontarem que, somente no espanhol, há mais de 50 palavras equivalentes ao conceito de ódio, o que permite dizer que não há um léxico próprio para o discurso do ódio ou discurso intolerante. Logo, a discriminação não está na palavra em si, mas na teia valorativa que ela suscita, tanto do contexto

verbal e visual quanto do extraverbal, o contexto sócio-histórico que a alimenta. Desse modo, é a palavra um signo ideológico por excelência, que reflete e refrata valorações sociais, cruzando-se “ênfases multidirecionadas” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113), com suas infinitas possibilidades.

Sob essa perspectiva, é possível perceber que o enunciado verbal do post 1, da Comunidade *Prints Machistas* do Facebook, entra em relação dialógica com a cultura do estupro, fomentada pela sociedade que entende que o estupro é culpa da mulher. Ou seja, essa voz social, ao cruzar o enunciado verbal, potencializado pelo visual, fomenta o preconceito contra a mulher e os estereótipos sexistas.

No post 2, um anúncio publicitário postado no Twitter, o enunciado verbo-visual é trabalhado de modo mais cuidadoso, se comparado aos posts 1 e 3, até porque deve ter sido elaborado por uma agência publicitária, diferente dos outros dois. No verbal, observam-se acentos valorativos vinculados a diferentes sequências, como é o caso da relação hierárquica (“agora” que fez isso, pode fazer aquilo) e da relação casa e projeto pessoal (casa “limpinha”, portanto, “projeto” a ser desenvolvido). Na tessitura dos tons intolerantes, materializados no imbricamento entre o verbal e visual, a mulher não pode desenvolver um projeto pessoal se não tiver cumprido sua tarefa naturalizada pela sociedade: cuidar da casa.

O post 3, do perfil *Machista_Sincero* do Instagram, apresenta mais marcas aparentes de intolerância, também reiterado pelo visual, como se vê nas sequências “as mulheres nos envergonham”, “tem 41 anos KKKKK”, “já são velhas”, “mulher deveria voltar pro seu habitat natural que é lavar passar e cozinhar”, em que há uma série de ataques preconceituosos contra a mulher. O cruzamento de valorações dialoga, dentre outros fatores, com os preconceitos de idade e de intolerância contra a mulher em duas dimensões, a que trabalha fora de casa e a que é negra.

Nas três postagens, vozes sociais atravessam os enunciados e valoram os benefícios do trabalho doméstico (como lavar, limpar, passar e cozinhar) como referência de uma conduta esperada de uma mulher que não quer ser estuprada, que quer realizar seus sonhos e quer se realizar profissionalmente fora de casa. Tais vozes se, por um lado, entram em embate com a liberdade da mulher de fazer o quiser, por outro, reproduzem os dogmas da sociedade patriarcal que naturalizam práticas distintas “de homem” e “de mulher”, “favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido” sob pena de punições, como esclarece Tiburi (2019, p. 59). Nessa perspectiva, nos enunciados analisados, o trabalho doméstico, que conforme Perrot (2019, p. 115), “resiste às evoluções igualitárias”, é apresentado como se naturalizado, uma condição para ser mulher é trabalhar nas tarefas do lar.

Como se vê, o discurso intolerante, via engendramento de tons intolerantes nos enunciados, se constitui a partir de um cruzamento de vozes que se tensionam entre a liberdade e o respeito às escolhas da mulher e a naturalização de práticas discriminatórias. Nesse sentido, trazemos para reflexão outra pergunta que norteia esta pesquisa e que, em parte, já foi respondida: Como se constrói a relação locutor/interlocutor nos discursos intolerantes nas redes sociais? O locutor de cada discurso analisado projeta um interlocutor para o seu dizer, ou seja, ele antecipa respostas do seu interlocutor, por isso faz uma projeção do que interlocutor gostaria de ouvir e, ao mesmo tempo, responde a enunciados passados. Assim, cada enunciado analisado é um elo na cadeia de outros enunciados, como afirma a teoria bakhtiniana. Portanto, há um interlocutor projetado pelo locutor em cada enunciado. No post 1, o interlocutor projetado compartilha das mesmas valorações do locutor no sentido de entender que a mulher deve ficar em casa para não ser estuprada. No post 2, o interlocutor projetado é uma mulher que também compartilha das mesmas valorações, entende que é seu dever limpar a casa para depois poder fazer outras coisas. No post 3, o interlocutor projetado também entende que a seleção feminina brasileira não é digna de usar a camisa da seleção, que a seleção envergonha os brasileiros, que as atletas já estão velhas e que a mulher deve se dedicar aos afazeres domésticos (“lavar passar e cozinhar”).

Na relação locutor/interlocutor, o locutor, ao buscar aliança com quem concorde com sua visão, não deixa de prever objeções de quem não concorda com seu ponto de vista. Nesse processo, há todo um trabalho de silenciamento das mulheres. Ele fala delas, discrimina-as e fomenta o preconceito de gênero. No enunciado 1, os interlocutores contrários são as mulheres que discordam da refração de que lugar de mulher é em casa e que aquelas que trabalham fora, estudam, saem para se divertir correm o risco de serem estupradas. No enunciado 2, há a discordância, por parte dos interlocutores, de que a limpeza da casa é prioridade em relação aos projetos pessoais da mulher. Quanto ao enunciado 3, pode-se pensar em um direcionamento de ataque a interlocutores que torcem para a seleção feminina e para demovê-los dessa torcida o locutor estigmatiza a imagem da jogadora de sucesso que é negra.

Na postagem 2, embora haja preconceito contra a mulher, o enunciado publicitário, diferentemente do 1 e do 3, dirige-se à mulher, possível consumidora do produto de limpeza. Em nenhuma das postagens a mulher tem lugar de fala, mas são sim objeto de fala do locutor, objeto de uma visão preconceituosa, que inferioriza a mulher. Além do interlocutor projetado, há um coro de apoio que fomenta esses discursos e alimenta a intolerância contra a mulher nas redes. Essa observação está de acordo com Di Fanti e López-Muñoz (2020, p. 1), que, ao procederem a “uma análise dialógica de discursos com tons intolerantes contra a presidenta

Dilma Rousseff, propagados pela grande mídia à época do processo de impeachment, observaram que “os tons intolerantes ao mesmo tempo que são endereçados a uma determinada vítima, pressupõem um coro de apoio, que compartilha valorações comuns e alimenta a sua produção, recepção e circulação, fomentando a intolerância e a polarização da sociedade”.

Em virtude da análise das postagens das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram escolhidas para esta pesquisa, entende-se que a imagem de mulher que circula nas redes sociais analisadas é a de uma mulher que tem como principal função ser dona de casa, mãe e esposa, e que deve permanecer em seu lar, pois, do contrário, estaria em perigo fora do ambiente doméstico. Essa mulher também tem sua individualidade menosprezada, uma vez que somente após limpar a casa pode pensar em seus projetos pessoais. As três postagens, embora uma amostra pequena diante do universo dos discursos disponíveis, apresentam índices de que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a mulher possa decidir sobre sua vida, com o respeito que ela merece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, ao questionar a naturalização do preconceito e a discriminação contra a mulher na sociedade brasileira, em geral, e nas redes sociais, em particular, foi desenvolvida com o objetivo geral de analisar como são construídos os discursos intolerantes contra a mulher nas redes sociais. No que tange aos objetivos específicos, buscou-se a) analisar como é construída a relação locutor/interlocutor nos discursos intolerantes nas redes sociais; b) analisar como os tons intolerantes se engendram nos enunciados e desqualificam a mulher e c) verificar que imagem de mulher circula nas redes sociais.

Para o desenvolvimento dos objetivos propostos, foram seguidos os seguintes procedimentos metodológicos: no que tange à coleta, realizou-se uma pesquisa em três redes sociais, a saber, Facebook, Twitter e Instagram, para fazer um levantamento desses discursos, considerando que, na materialização de mensagens, há a propagação de discursos que desqualificam a mulher e são curtidos, comentados e compartilhados nessas redes sociais. A fim de delimitar a coleta nessas redes sociais, foram utilizados os termos “machismo” e “machista” devido às inúmeras postagens de cunho machista, que defendem seu posicionamento.

A partir dessa delimitação, foram encontradas, no Facebook, cerca de 70 comunidades brasileiras, que têm no título os termos mencionados; no Instagram, encontrou-se em torno de 40 perfis brasileiros e no Twitter, foram analisados cerca de 30 perfis brasileiros, nos quais os termos delimitados apareciam em seu título. A coleta foi realizada em postagens publicadas no período entre janeiro de 2014 e agosto de 2019 nas referidas redes sociais. Cabe ressaltar que, ao delimitar os critérios para a seleção do material, no universo de todas as postagens pesquisadas, a data dessas postagens não foi relevante para a sua escolha.

No que diz respeito à seleção do material, foram escolhidas três postagens, uma de cada rede social, considerando os seguintes critérios: a) pesquisa nas redes sociais dos termos “machismo” e “machista” em comunidades ou perfis brasileiros; b) postagens cuja temática fosse a desqualificação da mulher a partir do uso de tons depreciativos a sua imagem. Dessa forma, foram selecionados os seguintes discursos: um post da comunidade “Prints Machistas”, do Facebook (2014), um anúncio do produto de limpeza Mr. Músculo, veiculado em seu perfil no Twitter (2015) e um post do perfil “Machista_Sincero”, do Instagram (2019).

A análise dos discursos que compõem esta pesquisa teve como aporte teórico as ideias do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1993, 1998, 2003, 2011, 2013 e VOLÓCHINOV, 2011,

2013, 2017, 2019) considerando as noções de dialogismo, palavra, enunciado, signo ideológico, reflexo e refração, acento valorativo/entonação expressiva e gêneros do discurso. Na perspectiva da teoria dialógica do discurso, o estudo da linguagem e da construção de sentidos se realiza a partir da análise de enunciados concretos, orais e escritos, em relação com outros discursos, situados social, ideológica e historicamente.

Também foram consideradas reflexões sobre intolerância e discursos intolerantes a partir de Roger-Pol Droit e Diana Barros. Realizou-se um estudo sobre feminismo conforme o pensamento de Simone de Beauvoir e Michelle Perrot, e de feminismo negro de acordo com Djamila Ribeiro

No desenvolvimento do estudo, em cada rede social foi investigada as possibilidades de interação entre locutores e interlocutores e, partir das análises dos posts, percebeu-se o quanto há de intolerância contra a mulher nas redes sociais. Os discursos intolerantes contra a mulher refratam-na, no enunciado 1, como aquela que cuida da família e tem a casa como um refúgio em relação aos perigos da rua, ao mesmo tempo que é permitido ao homem, pelos padrões da sociedade patriarcal, exercer livremente o seu direito de ir e vir. A imagem de mulher que se estabelece é de mãe, dona de casa, esposa, que está protegida no lar e pelo marido.

No enunciado 2, a mulher apresentada é aquela que prioriza a limpeza da casa em relação aos seus projetos pessoais. Nesse enunciado, são utilizados os diminutivos “limpinha” e “projetinho”, cujos tons avaliativos indicam que a tarefa de limpar a casa, na visão do locutor, é da mulher, e que é algo fácil, que não requer esforço, por isso, ela tem habilidade para fazê-lo. Quanto ao uso à expressão “projetinho pessoal”, a entonação valorativa orienta para o desmerecimento do projeto pessoal da mulher, como sendo irrelevante, já que cuidar da casa é mais importante.

Quanto ao enunciado 3, a imagem da mulher refratada na visão do locutor é a da mulher negra, jogadora de futebol, área predominantemente masculina. Portanto, essa mulher é depreciada por trabalhar em um domínio considerado masculino e por ser negra, já que a discriminação racial é potencializada sobre a mulher. Ainda que a mulher representada na imagem seja a jogadora Marta, considerada seis vezes como a melhor jogadora do mundo, a refração que se apresenta é a desqualificação da mulher, já que ela não teria aptidão, qualificação ou capacidade para desempenhar essa função.

O ponto em comum nas três postagens analisadas é que a imagem de mulher que se estabelece é de mãe, dona de casa, esposa, que está protegida no lar e pelo marido. Essa mulher deve privilegiar a casa, deixando sua individualidade, sonhos e desejos para uma outra oportunidade, se houver. Caso essa mulher atue em um esporte majoritariamente masculino

(futebol), ela será considerada incompetente e deverá voltar para o que é tido como seu habitat natural, a casa, a fim de cumprir tarefas como limpar, passar e cozinhar.

Ao longo das análises e das pesquisas desenvolvidas para este estudo, percebeu-se que o discurso de tom machista refrata uma carga de preconceito muito grande contra a mulher, mas isso não ocorre somente no Brasil. Um estudo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud²⁸) mostra que sexismo existe entre homens e mulheres, sendo que 90% dos entrevistados tem algum tipo de preconceito contra as mulheres, 28% consideram justificado bater na esposa e metade dos entrevistados acredita que líderes masculinos são melhores. Números como esses reforçam a ideia de que o comportamento sexista e misógino comum nas redes sociais não é só resultado do ambiente virtual, mas mostra um pouco da personalidade desse locutor.

Dessa forma, os discursos intolerantes contra a mulher refratam a visão de um locutor machista, misógino e sexista, que tem como coro de apoio os interlocutores que acreditam que o homem é o centro da sociedade. Por essa perspectiva que, segundo Beauvoir (1980), o homem sempre teve o privilégio da soberania e nunca precisou lutar pelo patriarcado, pois já nasceu com ele. Esse homem não enxerga a mulher como igual, portanto, para ele, a reciprocidade entre os sexos nunca existiu, reservando à mulher a posição de Outro e se tornou seu opressor.

Nesse contexto de opressão e desrespeito, as mulheres negras correspondem a 81% das vítimas de discurso discriminatório nas redes sociais, segundo a tese defendida na Universidade de Southampton, na Inglaterra, pelo pesquisador brasileiro Luiz Valério Trindade²⁹. A partir do momento em que as mulheres negras ascendem socialmente, adquirem maior escolaridade, se engajam em profissões de maior visibilidade e maior qualificação, emerge um confronto com os estereótipos da mulher negra, que buscam naturalizar sua atuação em atividades subservientes e de baixa qualificação.

Nos discursos analisados neste estudo, o estereótipo de beleza relaciona-se à mulher branca, corpo magro e cabelos lisos. A mulher branca é a dona de casa, mulher zelosa, que cuida da família, enquanto que a mulher negra ocupa lugar que não lhe é próprio. Essa observação sobre a mulher negra remete a anúncios publicitários e textos literários (não analisados neste trabalho, mas comuns nas esferas mais dinâmicas), em que a mulher negra

²⁸ ONU: 90% da população mundial tem preconceito contra a mulher. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/onu-90-da-popula%C3%A7%C3%A3o-mundial-tem-preconceito-contra-mulher/a-52652634> Acesso em 18 dez. 2020.

²⁹ Pesquisa revela que mulheres negras são as mais agredidas nas redes sociais. Disponível em <https://spbancarios.com.br/08/2018/pesquisa-revela-que-mulheres-negras-sao-mais-agredidas-nas-redes-sociais> Acesso em: 21 dez. 2020.

aparece como empregada doméstica, função desqualificada socialmente, ou como quem alisou seu cabelo crespo. Uma ilustração sobre essa reflexão pode ser encontrada em uma passagem do livro Quarto de Despejo, em que Carolina de Jesus mostra que não queria deixar de ser o que era para que seus textos fossem aceitos:

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:- É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado (JESUS, 2006, p.58)

Dessa forma, a refração de que a mulher negra precisa estar cada vez mais próxima da branquitude é comum na sociedade patriarcal, que padroniza costumes, corpos e conceitos. A autora Patrícia Collins (2016 apud RIBEIRO, 2017, p. 44) afirma que, nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo masculino branco. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos.

Simone de Beauvoir (1980) identificou, ao analisar os processos de formação social entre homens e mulheres, uma multiplicidade de instrumentos e mecanismos que construíram e “naturalizaram” grande diferenciação e hierarquização entre homens e mulheres, sempre em prejuízo das mulheres. Compreendendo a extensão dessa desigualdade e os inúmeros problemas decorrentes disso, a filósofa desenvolveu estudos e argumentos que descrevessem novos saberes a fim de produzirem novas configurações sociais.

Beauvoir se tornou um marco dentro do movimento feminista, rejeitando o tradicionalismo da formação e da moral religiosa dentro da qual foi educada e abordando temáticas inéditas até aquele momento, tanto em âmbito social quanto acadêmico. A obra O Segundo Sexo (1949) apresenta uma profunda análise sobre o papel da mulher dentro da sociedade e sobre a construção do que é ser mulher, estabelecendo uma importante distinção entre os conceitos de gênero e sexo.

Por meio da intensa reflexão de Beauvoir, muitas conclusões clássicas surgem como:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

As reflexões sobre as mulheres, em *O Segundo Sexo*, são fundamentais ao se analisar a feminilidade como um produto da cultura e da história, inaugurando um pensamento de desconstrução de grande alcance. Esse pensamento era dificilmente aceitável no contexto em que o livro foi publicado, ou seja, em 1949, mas, em 2020, ainda há muitos contextos iguais a esse.

Os debates sobre intolerância, preconceito e machismo são essenciais no contexto atual, uma vez que esses temas precisam ser discutidos em uma sociedade patriarcal que desconsidera as vozes sociais das minorias. O discurso machista cristaliza algumas ideias como verdades absolutas e que precisam ser ressignificadas. É fundamental que essa cultura, que trata a mulher como um objeto, que a discrimina nas oportunidades de trabalho, nas faixas salariais e nos altos cargos, seja modificada para a conquista da igualdade de gênero. Tanto a discriminação quanto a resistência aparecem na linguagem, pois, conforme Bakhtin/Volóchinov (2017),

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017, p. 181).

Nesse sentido, por meio da interação dialógica e viva, não há possibilidade de se ter um enunciado neutro, pois todo enunciado é ideológico. Nos discursos intolerantes contra a mulher nas redes sociais, os locutores e interlocutores refratam a sua ideologia, por meio de seus enunciados concretos e vivos, que são um elo na cadeia da comunicação discursiva.

Dessa forma, para o fortalecimento de um discurso de respeito e tolerância nas redes sociais e fora da internet, um dos pontos cruciais é a educação familiar. Esse núcleo é a primeira experiência em sociedade. Meninos podem ficar na rua até tarde com os amigos, e meninas, para terem esse mesmo direito, precisam ajudar nas tarefas domésticas e voltar cedo para casa. Quem nunca presenciou ou já ouviu falar nessa situação? Nesse contexto, meninos crescem com liberdade, e meninas com regras rígidas.

Homens solteiros e sem filhos são bem-vistos pela sociedade patriarcal, pois querem aproveitar a vida. Mulheres solteiras e sem filhos são chamadas, muitas vezes, de “mal-amadas”, porque não é “normal” uma mulher, simplesmente, não querer ter filhos. Se decide jogar futebol, é considerada “sapatona” por uma parte dessa sociedade, mas o homem pode jogar livremente e sem julgamento da sociedade.

Nesse mesmo lar, de acordos tão desiguais para homens e mulheres, ocorre a violência doméstica. Segundo o FBSP, 27,4% das brasileiras acima dos 16 anos sofreram algum tipo de

violência em 2018, o que equivale a 16 milhões de mulheres. 42% da violência ocorreu no ambiente doméstico e 24,8% de mulheres negras sofreram algum tipo de violência.

Números como os mencionados reforçam a ideia de que se precisa percorrer um longo caminho até a conquista da igualdade de gênero. O discurso machista, impregnado de preconceito e intolerância, precisa ser coibido, inicialmente, dentro de casa, pois é a primeira sala de aula da criança. Quem cresce em um lar com respeito ao próximo, leva isso para a vida. Não adianta a escola trabalhar questões essenciais para a sociedade, como respeito, tolerância, solidariedade, carinho e amor se no seu núcleo familiar nada disso for praticado em casa e em todas as suas relações interpessoais.

Importante ressaltar, também, a expansão do discurso intolerante e preconceituoso nas redes sociais, em que o locutor projeta o seu interlocutor, como um coro de apoio para suas ideias. Nas redes sociais, os discursos se disseminam mais amplamente devido ao alcance da esfera virtual.

[...] as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (CHARAUDEAU, 2013, p. 19).

No viés bakhtiniano, os discursos das redes sociais, muitas vezes polêmico, apresentam a constitutiva relação de tensão entre locutores e interlocutores. Nesses discursos, há o entrecruzamento de vozes sociais, ocasionando um conflito de posicionamentos, que acentuam as discussões. Nesse sentido, a relação locutor/interlocutor se estabelece na interação entre esses sujeitos que dão coro de apoio ou refutam os discursos postados nas redes sociais. Essa relação é realizada por meio de curtidas, e suas variações, comentários e compartilhamentos dessas postagens.

Dessa forma, a interação dialógica dos discursos das redes sociais deixa claro alguns traços da personalidade de seus locutores e interlocutores. Esses atores da comunicação discursiva refratam seus pontos de vista e disseminam a intolerância e o preconceito contra a mulher, porém é sempre importante lembrar que ninguém nasce machista, mas aprende a ser machista e a replicar esse discurso.

Não se pode achar engraçado que um menino humilhe uma menina, que um homem se considere mais macho por não deixar sua mulher sair com a roupa que ela escolheu, que uma empresa desvalorize o trabalho de uma mulher porque ela se tornou mãe. Isso tudo passa pelo respeito que todos devemos ter pelo próximo. O nosso ato responsável de respeitar o próximo. Ao longo dos anos, observa-se que o preconceito começa em casa, com as piadas de

cunho machista que não são coibidas, mas incentivadas como uma forma de discriminação de gênero, no qual a mulher sempre é desfavorecida.

A ativista negra, abolicionista afro-americana e escritora Sojourner Truth proferiu seu discurso mais conhecido, "*E eu não sou uma mulher?*", em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio e esse belo discurso termina assim:

Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isso. É melhor que os homens não se metam (RIBEIRO, 2017, p. 21).

As palavras de Sojourner Truth trazem o desafio poderoso: que a sororidade seja uma prática diária de todas as mulheres, pois há sempre uma mulher muito próxima necessitando de ajuda, mas que está em um profundo silenciamento, por medo, por dependência emocional, por dependência financeira, pelos filhos, pela solidão. Existem mulheres fortes e existem mulheres que ainda não descobriram a sua força. Cabe, portanto, a cada uma estender a mão e levantar essas mulheres para que, juntas, sempre se renove um ciclo de acolhimento, de empatia, de ajuda e de orgulho por ser mulher.

REFERÊNCIAS

- AMBRA, Karen. *O culto a Corpus Christi e a mística das beguinas*. Disponível em <https://www.unifai.edu.br/palavra-do-reitor/o-culto-corpus-christi-e-mistica-das-beguinas> Acesso em: 09 ago. 2020.
- AMOSSY, Ruth. Estereótipo. Tradução Pedro L. N. Barbosa. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 214-215
- AMOSSY, Ruth. PIERROT, Anne. *Estereotipos y clichés*. 1 ed. 4ª reimp. Buenos Aires: Edeuba, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. (tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico)
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 4ª ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998 [1975].
- BARROS, Diana Pessoa. *A construção do discurso intolerante*. Disponível em [http://diversitas.fflch.usp.br/files/Texto%20Profa.%20Diana%20Luz%20Pessoa%20de%20Barros%20\(1\).pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/files/Texto%20Profa.%20Diana%20Luz%20Pessoa%20de%20Barros%20(1).pdf) Acesso em 14 nov. 2019.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2 ed. reimpressa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BARROS. Diana Luz Pessoa de. *Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo*. Cadernos de ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – (58.1), Campinas, p. 7-24 - jan./abr. 2016
- BARROS. Diana Luz Pessoa de. Intolerância, preconceito e exclusão. In: Lara, G.P.; LIMBERTI, R.P. *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.
- BARROS. Diana Luz Pessoa de. *O discurso intolerante na Internet: enunciação e interação*. XVIII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa-Paraíba, Brasil. P. 1-12
- BEUAVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIADENI, Bianca. *A representação feminina em propagandas de produtos de limpeza: uma análise sobre imagem e discursos*. Trabalho de Conclusão de Curso, 2019. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação – USP/ECA Disponível em <http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/celacc-tcc/1693/detalhe> Acesso em: 10 dez. 2020.

CASSOL, Cristina. DAMKE, Luana. GOMES, Clandia. *Discriminação, preconceito e dominação: A luta das mulheres por mais espaço e representação na sociedade brasileira*. Revista Diálogo - 2019 Unilasalle. Disponível em <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/4926> Acesso em 10 dez. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa 2. ed., 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

CHAUÍ, Marilena. (1996/1997). Senso comum e transparência. In J. Lerner (Org.), *O preconceito* (pp. 115-132). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado

COLLINS, Patricia Hill. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99- 127, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/RmjB7R>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CROCHKI, José Leon. *O conceito de preconceito*. Disponível em <https://bibliotecasocialvirtual.wordpress.com/?s=o+conceito+de+preconceito> Acesso em 15 nov. 2019.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; LÓPEZ-MUÑOZ, Juan Manuel. Tonos intolerantes en discursos de grandes medios de comunicación brasileiros: un estudio dialógico. *Letrônica*, v. 13, n. 2, p. e37411, 2020.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Ethos e ato ético: o discurso intolerante em redes (sociais) de sentidos. *Projeto de pesquisa* (PUCRS - CNPq), 2018.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Discurso, mídia e produção de sentidos: questões de leitura e de formação na contemporaneidade. *Desenredo*, v. 11, n. 2, p. 418-438, jul/dez 2015.

EMEDIATO, Wander. Discurso e web: as múltiplas faces do Facebook. *Revista da ABRALIN*, v.14, n.2, p. 171-192, jul./dez. 2015.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

FARAH, P. D. *Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância*. Revista USP, n. 114, p. 11-30, 16 set. 2017. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142365> Acesso em: 10 dez. 2019.

FÓRUM BRASILEIRO DA SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 - Ed-02. 29 maio 2020*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

KILOMBA, Grada. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/w3ZbQh>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

KOLLONTAI, Verinha. *A cultura do estupro da origem até a atualidade*. Disponível em <https://www.geledes.org.br/cultura-do-estupro-da-sua-origem-ate-atualidade/?gclid=Cj0KCQiAs67yBRC7ARIsAF49CdWy3IvJcPA_SnOVCRs4zSPKWZ3jE9HuMTWkecRFANr39xUvHjPHRgIaAm3fEALw_wcB> Acesso em 12 fev. 2020.

LIMA, J. Franzen de. *Curso de Direito Civil Brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

LÓPEZ-MUÑOZ, Juan Manuel; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; MALCORRA, Bárbara Luzia Covatti. Discursos (in)tolerantes e democracia pluralista. *Letrônica*, v. 13, n. 2, p. e37655, 2020.

LÓPEZ-MUÑOZ, Juan Manuel & CAPPONI, Paola. Los discursos intimidatorios: ¿de dónde vienen y adónde van? *Fragmentum*, n. 50, p. 9-17, 2017.

MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (1928). Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Corrêa 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PORTUGAL, Sílvia. *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo de feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramentos Justificando, 2017.

RIBEIRO, Kelli da Rosa. A complexidade do encontro de esferas discursivas: o caso da mídia e da religião na contemporaneidade. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 13 - n. 1 - p. 187-211 - jan./abr. 2017

SILVA, Sergio Gomes de. *Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher*. Psicologia, Ciência e Profissão. 2010, vol. 30, n.03. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000300009 Acesso em 10 dez. 2019.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

TIBURI, Márcia. *O que é feminismo?* Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/> Acesso em 07 dez. 2019.

VERMELHO, Sônia Cristina. VELHO, Ana Paula Machado. BERTONCELLO, Valdecir. *Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores*. Educação e Pesquisa. Vol.41 N°.4 São Paulo Out./Dez., 2015. Epub 10-Abr-2015

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad., notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Aérico; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica (1926). In: BAKHTIN, M. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Aérico. São Paulo: Editora 34, 2019



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad